

MAJELA COLARES

Calibã  
EDITORA

Majela Colares (1964), dos maiores poetas de sua geração, segue uma linha reta de alta poesia lírica do seu livro de estréia, *Confissão de dívida*, de 1993, até *Quadrante lunar*, exatamente doze anos posteriores. É um dos poetas brasileiros nascidos na década de 1960 que se destacam pela agudeza do ouvido poético, essa coisa imponderável, mas fundamental, na feitura de poemas de forte densidade, próximos da *poésie pure*...

Alexei Bueno

*Uma História da Poesia Brasileira, 2008, Rio*

O poeta Majela Colares é atualmente um dos melhores nomes da poesia brasileira. [...] É o poeta por excelência, que já gravou seu nome na história da nossa literatura.

Fernando Py

*Tribuna de Petrópolis, 20.04.2003, Rio*

Na poesia de *Quadrante Lunar* sinto-me elevado de um abismo qualquer a uma altura, transformando-me do sofredor ao gozador, empurrado por uma inspiração à outra revelação e sempre na segurança íntima, na convicção futura de que o mundo é um só, variável mas constante, fiel à sua gênese e à sua duração num futuro apenas sentido no íntimo, com a segurança da fé de anjos.

Curt Meyer-Clason

*in Quadrante Lunar, 2005, Alemanha*

A poesia de Majela Colares tem saber e sabor. Obra que se insinua, através de modos sutis, silenciosos, com seus versos que flutuam como pontes lançadas sobre abismos de significação. E nisto reside a sua modernidade, através de fragmentos e remissões, de coisas passadas e futuras.

Marco Lucchesi

*in Quadrante Lunar, 2005, Rio*

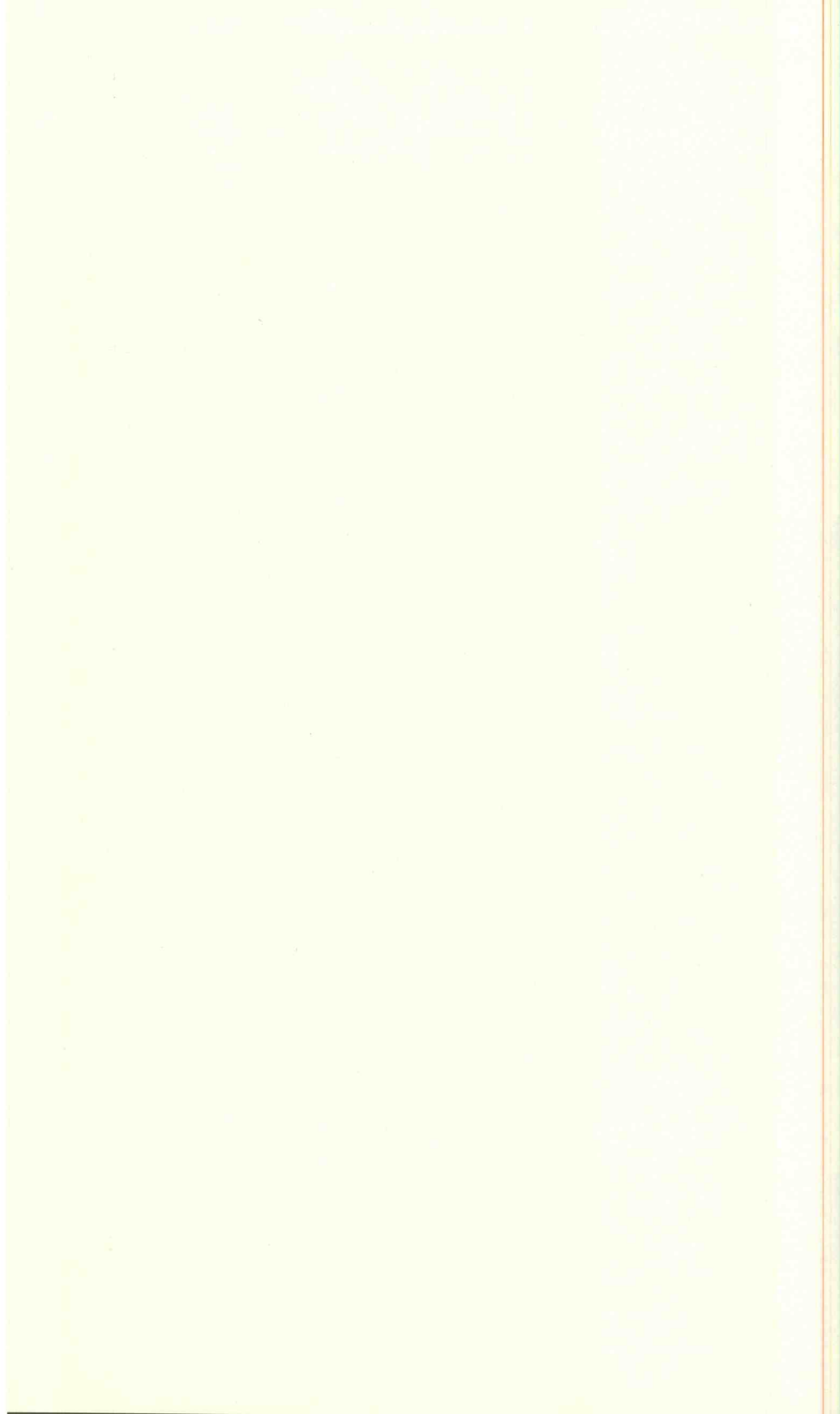
Ao Poeta-amigo Sousa Fátima,  
este

# AS CORES DO TEMPO,

com a estampa e um  
grande abraço,

Waldemar L. de

Recife, 03.05.2011.





MAJELA COLARES

AS CORES DO  
TEMPO

Calibã  
EDITORA

2ª EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO  
2009

Copyright © Majela Colares,

Capa e Projeto Gráfico | Zabad | Gisela Abad  
Assistentes | Alyne Miranda e Túlio couceiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610/98.  
Proibida reprodução total ou parcial, mediante quaisquer meios, sem a prévia  
autorização, por escrito, da Editora.

---

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ  
C649c  
2.ed.

Colares, Majela, 1964-

As cores do tempo / Majela Colares. - 2.ed. - Rio de Janeiro : Calibán, 2009.

ISBN 978-85-87025-38-8

1. Poesia brasileira. I. Título.

09-1164.

CDD: 869.91

CDU: 821.134.3.(81)-1

17.03.09 19.03.09

011544

---

2009

EDITORA CALIBÁN LTDA.  
Av. Treze de Maio, 13, Sala 2010  
Cinelândia, Rio de Janeiro | RJ  
CEP 20031-007  
Telefax 21 2533.3587  
caliban@uol.com.br  
www.editoracaliban.com.br

Impresso no Brasil  
Printed in Brazil

## SUMÁRIO

### 17 Confissão de Dívida e Outros Poemas (1993-2001)

- 19 Poema Anônimo
- 21 Sentir Recifense
- 23 Momento zero
- 25 Poema do instante único
- 27 Poema da loucura breve
- 29 Exame do ego
- 31 Vertigem da hora
- 32 Anotação antiga
- 33 Contornos do tempo
- 34 Visionauta
- 35 Aqui jaz um soneto
- 36 Manifesto para um fim de século
- 37 Parábola da manhã incerta
- 39 Alpendres e currais
- 40 Chão de sonhos
- 41 Cantiga breve
- 42 Retinas
- 43 Soneto do azul possível
- 44 Uma cantiga morena
- 45 A cegueira da luz

### 47 Outono de Pedra (1994)

- 49 Canto I
- 50 Canto II
- 51 Canto III
- 54 Canto IV
- 56 Canto V
- 61 Canto VI
- 62 Canto VII
- 67 Canto VIII
- 69 Canto IX
- 70 Canto X
- 71 Canto XI
- 74 Canto XII

75	O Soldador de Palavras (1997)
77	Poema da improvável véspera
78	O soldador de palavras
79	Vago
81	Os limites do tempo
82	As marcas do tempo
83	As cores do tempo
84	Ponto neutro
85	A dedução pela pedra
87	Vertigem
88	O pastor e sua aldeia
89	Paisagem anterior
90	Soneto para uma estação
91	Um poema de passagem
92	Tarja preta
94	O mamulengo
95	Res nullius
96	Desejo & chocolate
97	Soneto (momento I)
98	Soneto (momento II)
99	Telúricos limites
100	O silêncio da flor

101 A Linha Extrema (1999)

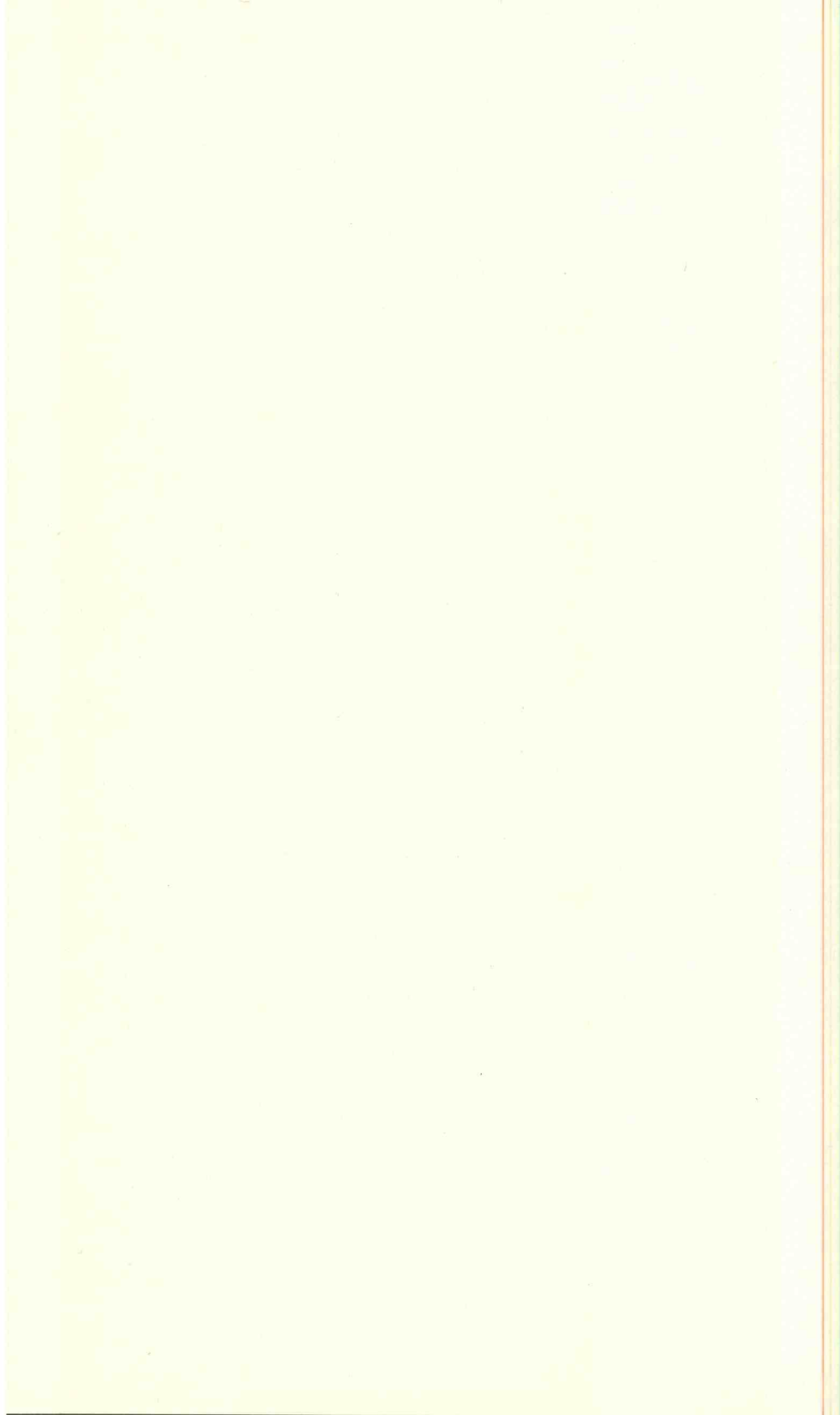
133 Quadrante Lunar (2005)

135	Motivos para um poema
136	Tinta sobre tela
137	O tempo e Salvador Dali
138	Antes da origem e depois da origem
139	O silêncio no aquário
140	Evocação a Hamlet
141	Anatomia de um domingo
142	Salmo para encantar a vida
143	A invenção do poema
144	Quadrante lunar
145	O homem pelo homem
146	Análise da insônia

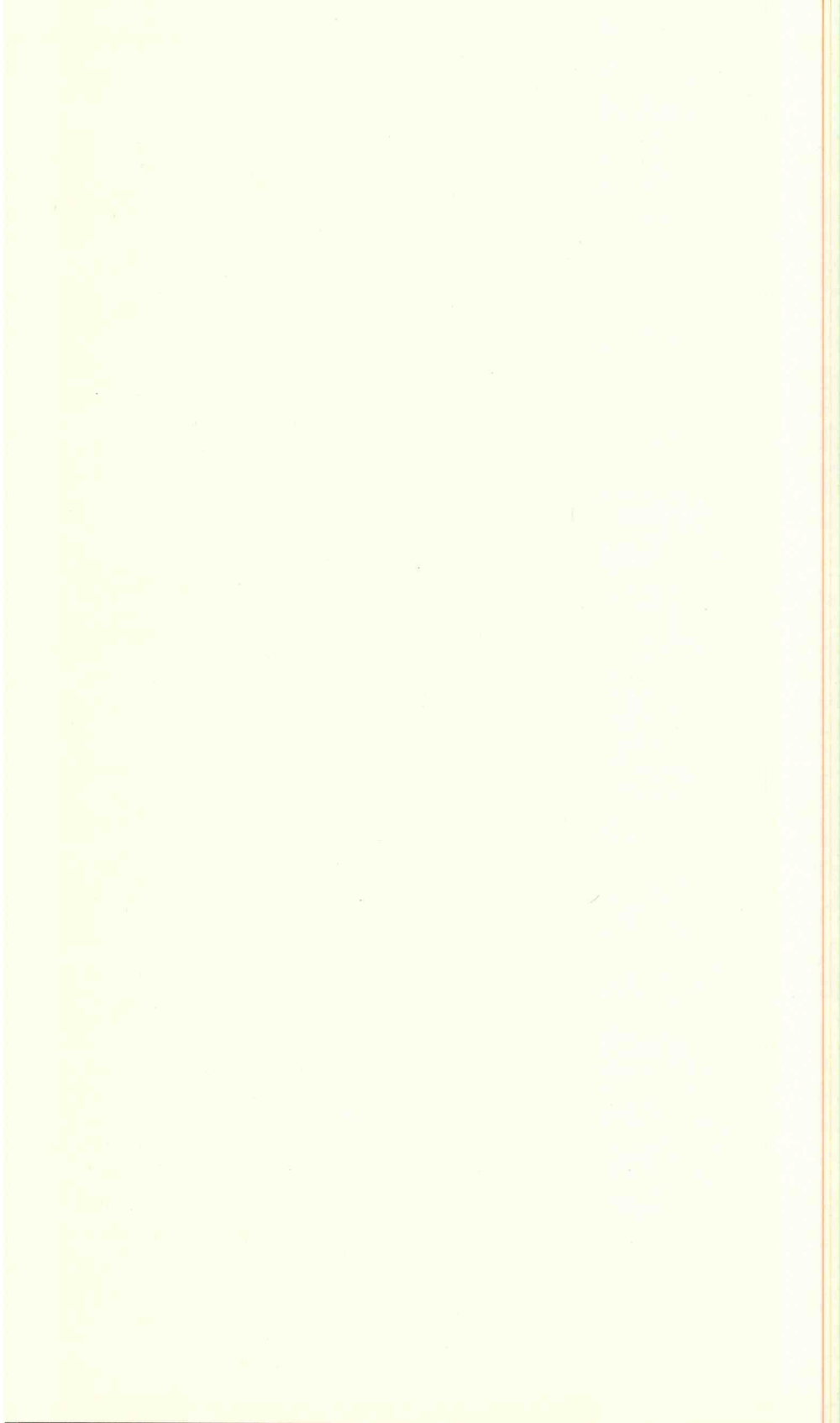
- 147 Poema da manhã nascente  
148 Poema para uma tarde antiga  
149 O concreto e a máquina  
150 As impurezas da luz  
151 Minha aldeia e meus chinelos  
152 Um canto para García Lorca  
153 Quando ainda é setembro  
154 Um fantasma de homem  
155 A palavra segundo Frei Caneca  
156 Banquete para um fantasma  
157 Entre o sol e o cimento  
158 Arquétipo de anjo inventado  
159 A memória das areias  
160 O cheiro e a cor do poema  
161 Mais um verão em mim  
162 Biografia de homem comum  
163 Breve história de amor  
164 A cor do sonho por dentro  
165 No reverso do dia  
167 O poeta e sua aldeia  
169 Tratado sobre um poema  
170 Refúgio da linguagem  
171 Cantiga do eterno instante  
172 Paragem para um fim de tarde  
173 O sonho do menino Mohammed Haga

177 **Amostra Crítica**

- 179 *A poesia existencial de Majela Colares*, Fernando Py  
181 *Dúvidas e dúvidas de um poeta*, Francisco Carvalho  
184 *Vertientes de la poesía de Majela Colares*, Norma Pérez Martín  
189 *Alvenaria de palavras*, Janilto Andrade  
192 *O soldador de palavras*, César Leal  
196 *Consciência da mudez poética*, Francisco Soares  
199 *Colares em O soldador de palavras*, Hildeberto Barbosa Filho  
203 *Os deslimites de Majela Colares*, Fábio Lucas  
208 *Majela Colares e A linha extrema*, Foed Castro Chamma  
210 *Unha obra que comemora a vida*, Xosé Lois García  
213 *O mundo é mágico*, Curt Meyer-Clason  
214 *Fragmentos e remissões*, Marco Lucchesi



Aos meus pais  
Casimiro Fidelis Maia,  
*in memoriam,*  
e Elisa Colares Maia





É sempre no passado aquele orgasmo,  
é sempre no presente aquele duplo,  
é sempre no futuro aquele pânico.

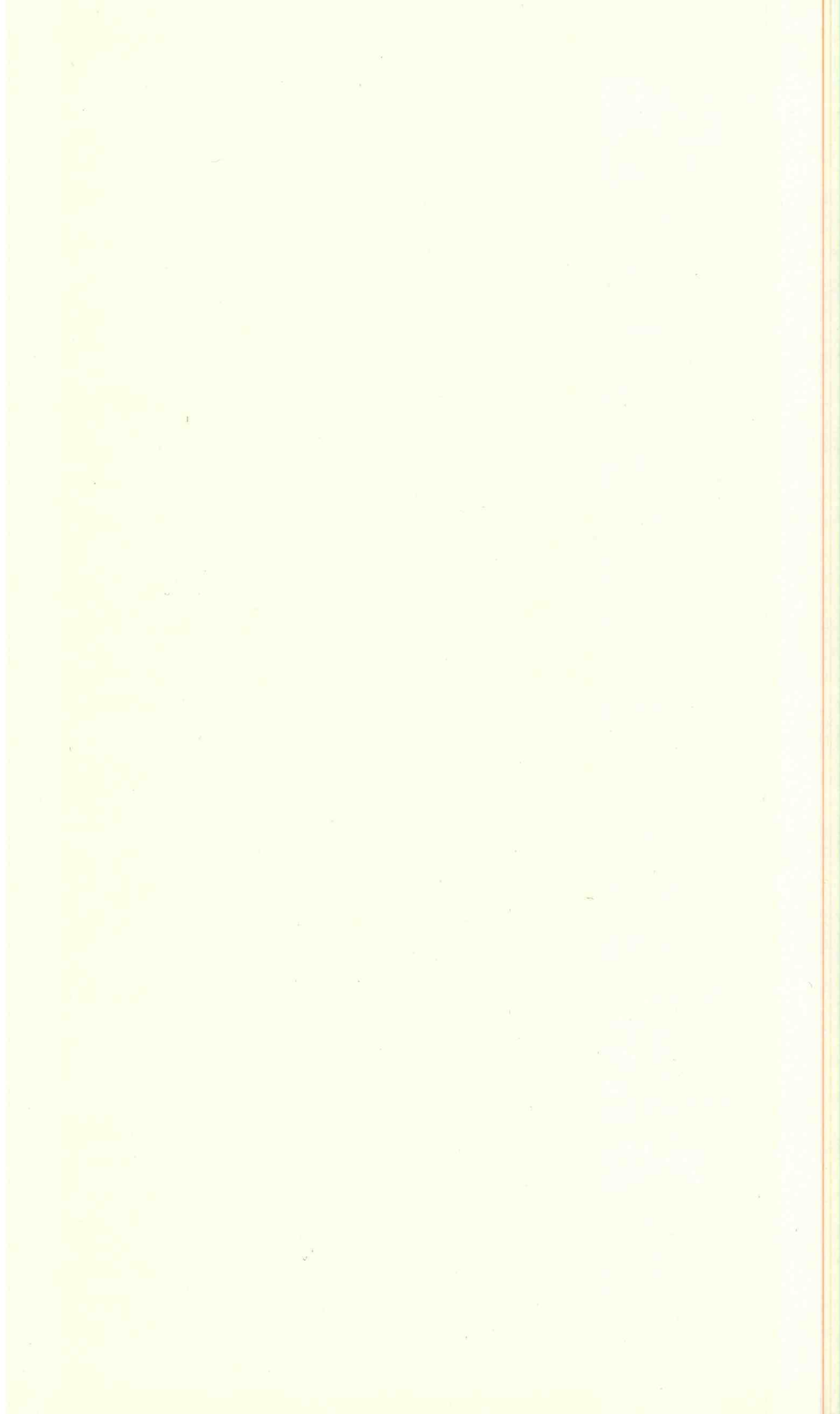
*Carlos Drummond de Andrade,*  
O enterrado vivo

Do vórtice da luz vai para o futuro aberto em cone  
e deixa em cone o passado fechado em sombra.

*Joaquim Cardozo,*  
Visão do último trem subindo ao céu

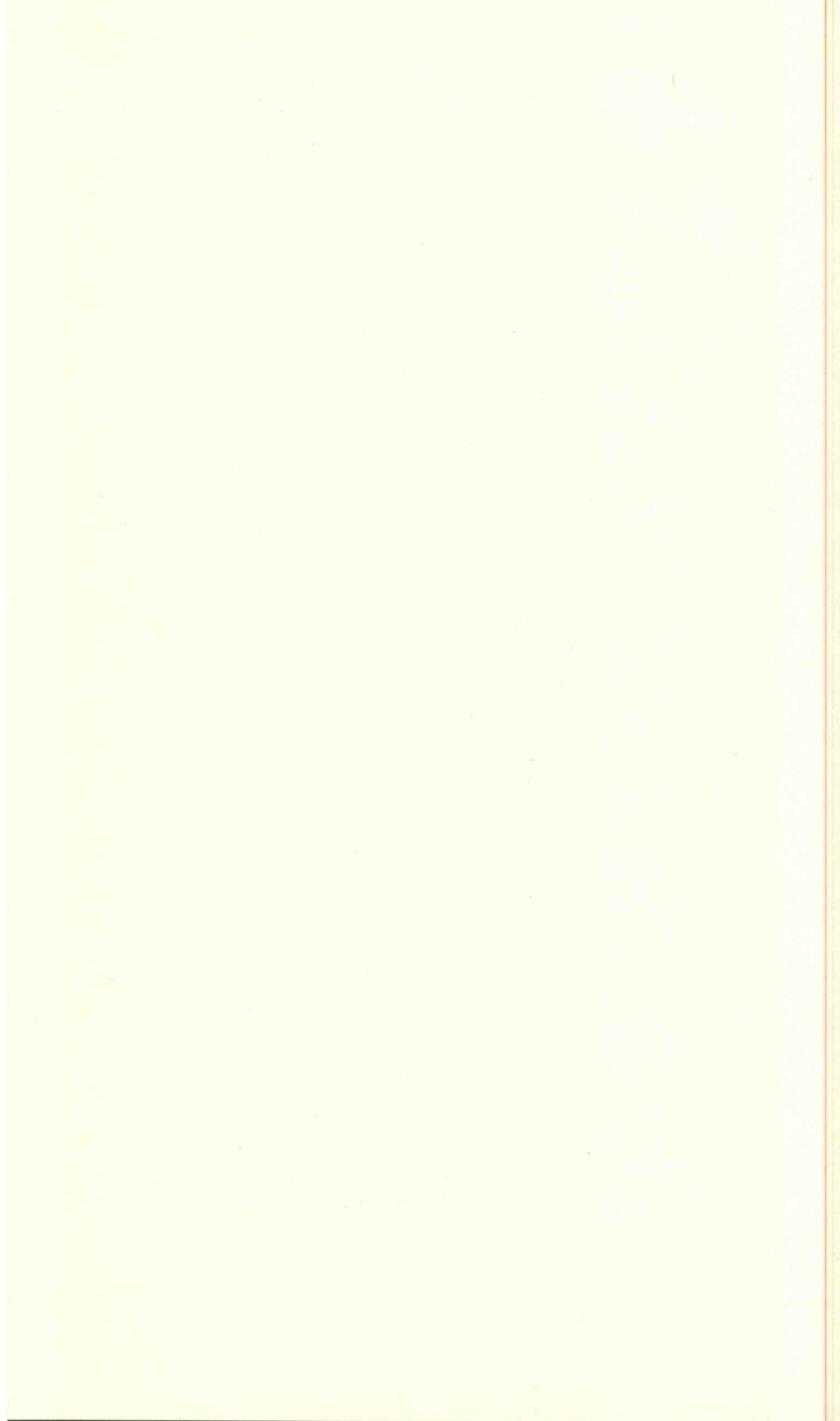
(...)  
e tudo era um vôo baixo pelas horas  
pelas horas amargas fugidias,  
e tudo era exaustão, era esse século;  
não era desespero, era cansaço,  
era o estupor das coisas esgotadas.

*Jorge de Lima,*  
Invenção de Orfeu, Canto X



Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo?  
Não! Já existia nos tempos passados, que foram antes de nós.

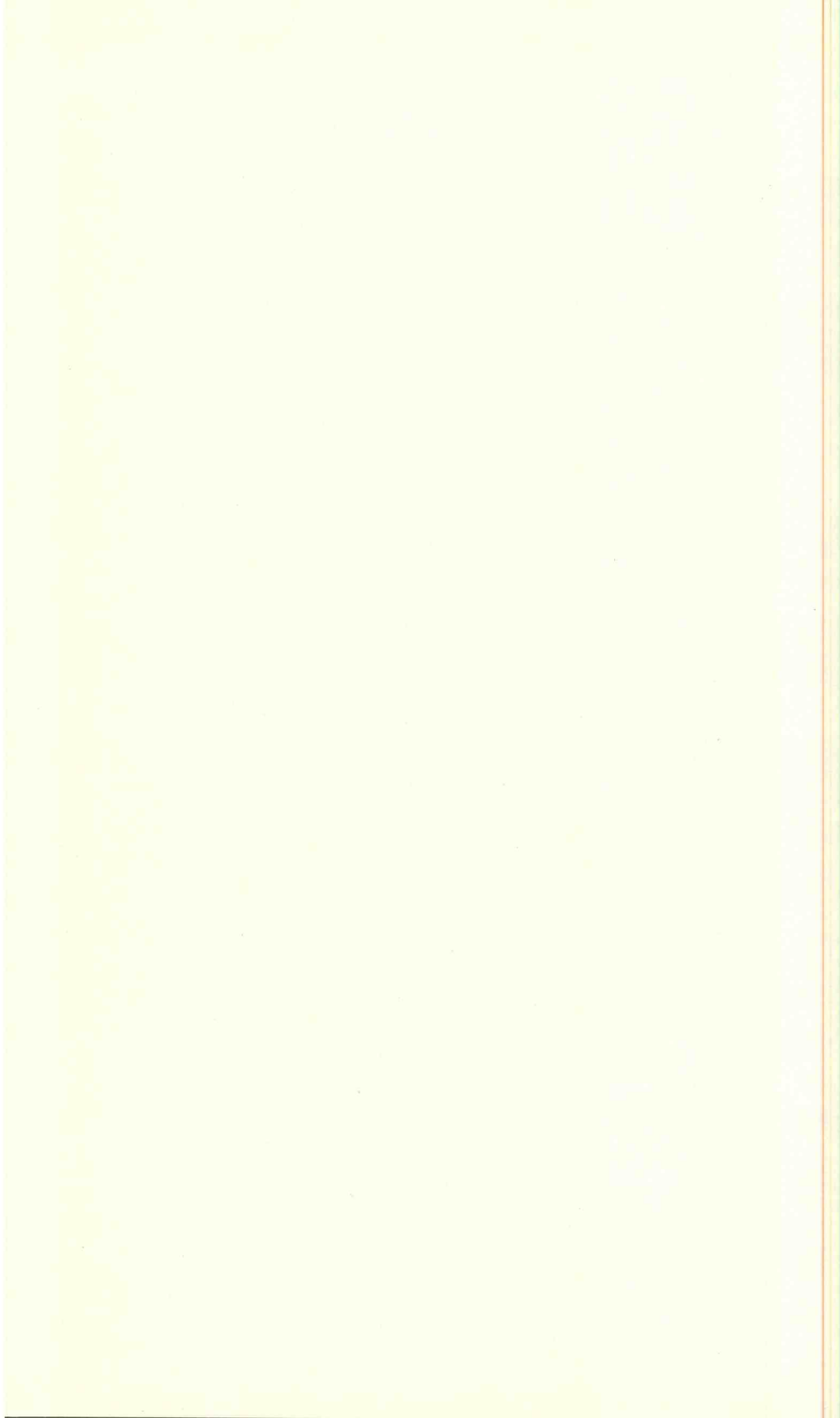
*Eclesiastes 1, 10*




Nota Prévia

Esta seleção de poemas, escolhidos pelo próprio autor, segue uma ordem rigorosamente cronológica, obedecendo à seqüência dos cinco títulos inseridos na coletânea que constitui este livro.


M. C.

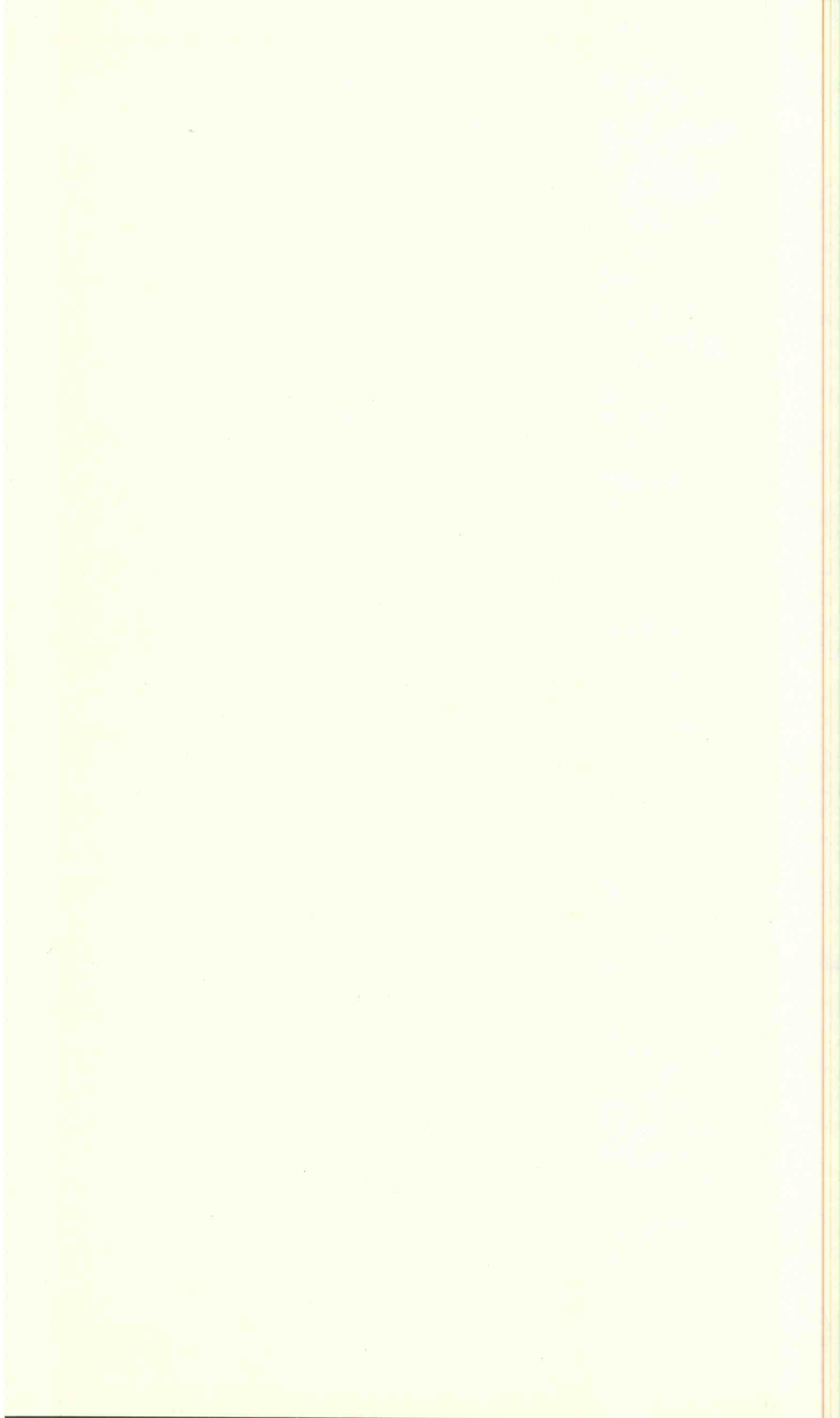




Confissão de Dívida  
e Outros Poemas

1993–2001







## POEMA ANÔNIMO

o poema que não fiz  
(mas sempre canto)  
está mais em mim  
que muitos  
    (pouco que escrevi)  
é o mais inconstante  
    indefinido  
dos poemas que vivi

o poema que não fiz  
traduz meu mundo  
está implícito  
    único  
    em meu verso  
já não sei quem sou  
    quem ele é  
– fundiram-se todos os limites

o poema que não fiz  
sorri comigo e sofre  
e dorme e finge  
pensa a anônima forma  
só para não ser  
    enfim, subjuntivo

o poema que não fiz  
surge do nada  
e conspira a relatividade do tudo  
(é a razão variável do verbo)  
não há palavras  
não há gestos  
    metáforas  
    tinta  
que o descreva

o poema que não fiz  
(mas sempre canto)  
fecunda a própria poesia  
que me seduz a vida inteira

## SENTIR RECIFENSE

*Recife*

*Não a Veneza americana*

*Não a Mauritsstad dos armadores das Índias Ocidentais*

*(...)*

*Mas o Recife sem história nem literatura*

*Recife sem mais nada*

*Recife da minha infância*

Manuel Bandeira

sem bússola

o dia

navega

lento, lento....

rumo ao poente

(o sol, em desmaio, adormecera em nuvens)

a tarde no varal evapora efêmera

a neblina inteensa... enxágua as horas

umedece o cinza do céu

na moldura embaçada do momento

na rua

sombras

fogem

os carros inquietos

rezam o mesmo padre-nosso

compenetrados, renegam a velocidade

(inversamente proporcional à chuva)

o dia é de barco

uma oferenda exótica

que à cidade enfeitiçara

Capiberibe  
Beberibe  
choram lágrimas impuras  
manchando as faces sórdidas  
já cansadas de sorrir  
exalam o aroma da rosa-dos-ventos  
(rosa-dos-maus tempos)

vento  
  tempos  
    matinais  
      tempo  
      ventos  
      vesperais

aroma que inertiza narinas...  
e as suas almas de rio  
cheiro impregnado  
nos poros da cidade em vexame  
                  moribunda

o mar solitário  
vem sentar-se à praia  
e afaga as m(águas) desses rios

o mar solitário, sentado à praia  
sofre por este dia morto  
chora por esta cidade que agoniza

## MOMENTO ZERO

big-bang gozo supremo  
gerando o universo

gazes/orgasmos  
confluem pra vida

(enigma fecundo)

rompendo a membrana  
os lábios do Cosmos  
abrem-se em flor

- a flor da cratera  
do vulcão primogênito

(monte de Vênus)

magma/esperma  
ejacula do caos:  
matéria/minérios  
fluindo perdida  
saltando pro início  
do mundo arrancado  
do magma da vida

o vento soprado  
no espaço infinito  
(vibrando entre átomos  
que caem velozes)  
condensa as moléculas  
do raro tecido  
formado no êxtase

a água evapora  
escorre e inunda  
o corpo do mundo

primevo momento  
big-bang ecoando  
nos vórtices do tempo

(buraco negro)

os sóis/universo  
gerado e criado  
em contraste e mudanças

## POEMA DO INSTANTE ÚNICO

não sou filho daquela  
e nem filho da outra  
sou filho do sexo  
sou filho do sonho  
da vagina & do pênis  
que se atraem  
se entrelaçam e se comem

sou derivado  
(sem muito apetrecho)  
da pulsação mais aguda  
que veias e artérias  
suportam sem dor

da contração mais ambígua  
de que a mente é capaz

da ereta sensação  
rude que excita

sou produto/prazer  
do viço telúrico  
do cio de minha mãe

sou fruto do tempo  
do tempo e do mundo  
do orgasmo do tempo

da oscilação fecunda  
de ancas e peitos  
de corpos/delírios  
de braços e abraços  
de bocas/murmúrios

não sou filho daquela  
e nem filho da outra  
sou matéria expelida  
no refúgio da vida  
sob os raios do sol  
sob os raios da lua



## POEMA DA LOUCURA BREVE

foi num sonho misterioso... (eu era esfinge)  
sonhei, Gizé, certa noite, um mar de areia  
cavalguei passo a passo meu silêncio...

*zzz zzzzzzzz zzzzzzzzzzz*

– a existência? Um eclipse em minha face

confundi-me no horizonte dos meus olhos  
perdi-me na complexidade do meu corpo  
na confluência, espírito-matéria  
vi-me vivo – no entanto – vi-me morto

tudo, com certeza, é emoção  
viver, amar  
amar, morrer

vácuo na miragem dúbia e turva

*zzzzzz zzzzz zz zzzzzzz  
zzzz zzzzzz*

*zz*

confundíveis desertos, gelo fundo  
(...vendavais... gritos... silêncios...)  
do eu inerte, um eco recendia

*zzzzzz zzzzzzzzz zzz*

– o deserto (.....) são momentos

*zzz zzzzz zzzzzzzzz*

súbito a loucura  
refugiada na penumbra do seu cárcere  
(pareceu-me um monstro hibernando)  
a loucura  
que ronda a mente, que transfigura

ZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZZ ZZZZZZ ZZZZ

ZZZ ZZZZZZZZZ ZZZZZZ

ZZZZZZ

ZZ

a vida se aninhava ritmada  
pela ressonância dos desejos

## EXAME DO EGO

cantar, cantei  
não sei se me ouviram  
eu bem que falei  
que a vida é isso aí:  
essa loucura doida  
essa doida loucura...  
e muitos desistem  
antes do fim  
antes que o sol  
novamente amanheça  
antes que a vida  
novamente renasça  
antes que tente  
tudo outra vez

cantar, cantei  
não sei se me ouviram  
eu bem que falei  
que a vida é isso aí:  
essa loucura doida...  
e muitos insistem  
em crer que é assim:  
um incerto caminho  
uma aurora por vir  
que vem qualquer dia  
(o horizonte está lá)  
razão noutras águas  
é melhor esperar

cantar, cantei  
não sei se me ouviram  
eu bem que falei  
que a vida é isso aí:  
essa doida loucura...  
e muitos se cansam  
de seguir o caminho  
param no tempo  
o tempo não espera  
parados à margem  
esquecem quem foi  
alheio o que vai  
na poeira pondera

cantar, cantei  
não sei se me ouviram  
eu bem que falei  
que a vida é isso aí:  
essa loucura doida  
essa doida loucura...  
contada no tempo  
– limite de espaço –  
sofrida e sonhada  
cantada e efêmera  
pra muitos um pedaço  
de chão, uma casa  
o sexo oposto  
um gato e um deus

cantar, cantei

## VERTIGEM DA HORA

janela, muro, firmamento  
a liberdade esvoaçando, rondando a vida  
a imaginação rondando a mente  
criando mundos  
– mundo é o que dentro de nós existe  
seus limites estão na idéia  
circundam o tempo...  
poderá ir um pouco além do muro  
no entanto  
confunde-se com o firmamento  
com a vertigem da hora

a solução para o caos  
está dentro de si  
da mais remota e obscura  
profundeza dos sentidos  
à nítida e expressiva superfície de cada instante

os horizontes do grito de liberdade  
a solidão do cárcere  
nos habitam...  
– cada homem é levado a conspirar um desses templos

## ANOTAÇÃO ANTIGA

quando a noite  
com seu eterno e sutil silêncio descer  
repousarei sob a consciência

breve

meus olhos irão se desvanecer, breve  
em pálpebras inertes...  
– a minha mente vagará em outras dimensões

disperso

ficará anotado em meu diário:  
– meu dia não foi em vão, amanhã serei outro tempo

## CONTORNOS DO TEMPO

é que a vida passa  
feito a tela limpa  
que não foi tingida  
que não foi borrada  
pela tinta negra  
pela mão aflita  
que constrange a mente  
por si conspirada

é que a vida passa  
sem se perceber  
que num breve tempo  
esvai-se a magia...  
que se vão as noites  
livres como o vento  
buscando a certeza  
talvez... algum dia

juntos caminhamos  
nessa estrada afora  
seguindo a vida  
feito um sonho intenso  
livres como o vento  
vamos indo agora  
levaremos junto  
nosso amor imenso

imersos no amor  
estão nossos mundos  
como está imerso  
nosso sentimento  
buscamos a tudo  
virar pelo avesso  
reverso do nada  
vivo pensamento

## VISIONAUTA

lancei-me às ondas contemplando a praia  
de vento em popa, meu navio afoito  
singrei procelas, seduzi sereias  
em vis dragões assassinei segredos

quando ao poente, naveguei sem medo  
noites e lendas no porão vazio  
que a brisa branda balouçava às águas  
– mundos perdidos em naus desvendei

senhor dos mares, me fiz navegante  
dentre outras rotas... porto Aldebarã  
do sete-estrela rumo à lua cheia

loucas miragens, resolvi voltar  
o tempo fora mais veloz que as âncoras  
e o meu navio naufragou na areia



## AQUI JAZ UM SONETO

uma idéia conspirada – um soneto –  
que, ao certo, sangraria minha vida  
desprende-se da memória suicida  
morrendo nos limites de um quarteto

## MANIFESTO PARA UM FIM DE SÉCULO

nossas palavras faladas ao tempo  
constante idéia transcrita nas páginas  
de um livro antigo de abaixo-assinado  
no qual se traduz o real pensamento  
e o sentimento de um mundo mais mundo  
(já consumido, há muito, por tantos)  
e suporta calado, parado, no entanto  
seus lábios sofrem e sofrem por afago  
afago da dor dessa ferida amarga  
cruel, percebida – não cessa o clamor –  
da massa, tecido, humana ferida  
que chora e sorri, contendo essa dor  
dispersas nuvens de idéias emergem  
do sempre oceano de imenso sofrer  
somente em neblina que molha de leve  
consuma-se o tempo e volta a arder  
o sol, brasa viva, queimando e queimando  
vem a brisa e sopra pra longe... o caso  
a vaga esperança, restando somente  
ao homem calado não terra, mas voz:  
palavras faladas ao tempo futuro...  
idéias veladas no futuro tempo

## PARÁBOLA DA MANHÃ INCERTA

descanse a mão sobre as confluências da terra  
e colha, com perspicácia, o mais fértil solo

aquele ainda não sugado por qualquer raiz

estenda a mão sobre a juventude das águas  
e colha, com sensatez, as mais puras gotas

aquelas ainda intactas – rara inocência de líquido

eleve a mão às infinitudes dos céus  
e colha, com sutileza, um bouquet de nuvens

se possível, dos mais solitários cirros

contorne a mão por entre indecifráveis campos  
e colha, com paciência, um punhado de flores

se possível, dos mais virtuosos lírios

vislumbre a mão sobre a complexidade das línguas  
e colha, com sabedoria, um sem-número de palavras

do mais consagrado ou menos lido idioma

terás, então

substâncias suficientes para serenar um poema:

    solo fértil

    água pura

    solitários cirros

    virtuosos lírios

    e

    um sem-número de palavras

– transforme (num lapso) essa matéria caótica em poesia

se conseguires condensar todas as substâncias  
de tal forma  
que se torne impossível distinguir  
a essência de cada elemento

que nem mesmo o mais aguçado olfato  
perceba o aroma sinuoso dos lírios

que nem mesmo o mais minucioso lingüista  
perceba o sentido irreal de cada palavra, da sintaxe inteira

serás, sem dúvida, poeta  
serás, verdadeiramente, poeta  
e sobrepujarás, assim, a sedimentação dos séculos  
todas as venturas e desventuras da existência humana

se não conseguires tal feito, não passarás  
de um equivocado burlador da geometria poética  
e sucumbirás ante a primeira leitura inexorável do tempo

*Recife, maio de 1996*

## ALPENDRES E CURRAIS

Para Casimiro Fidelis Maia,  
meu pai, *in memoriam*

a poeira do chão: nuvem tardia  
que se fez barbatã em pastos idos  
de janeiros, em tardes, já floridos  
ou de marços murchando à flor do dia  
um abril que virá se prenuncia  
numa chuva futura que restou  
no mormaço de um tempo que passou  
quando as nuvens tardias desfiaram  
outras águas em marços inundaram  
o Sertão que se foi com meu avô  
um sertão que tem cheiro de sol quente  
costurado à roseta feito esporas  
ruminando a chapada nas auroras  
traquejando o novilho dissidente  
foi meu pai, nesses campos, contundente  
no sopapo da mão, num só suspiro  
fez estrelas girar e nesse giro  
casco brabo louvar Aldebarã  
tempo assim não terá outro amanhã  
o Sertão que se foi com Casimiro  
vez por outra me vêm esses momentos  
que marcaram com luas minha face  
e se mesmo nas luas não buscasse  
as lembranças viriam com os ventos  
quando abóiam no Sul dos sentimentos  
porque tudo passou, mas não tem fim  
no galope sutil do Mandarin  
galgo sóis arreados ao sonhar  
uma noite cardã a campear  
o Sertão que ficou dentro de mim

*Limoeiro do Norte, agosto de 1997*

## CHÃO DE SONHOS

volto os meus olhos para um tempo oculto  
que se emoldura nos meus passos lentos

e à margem esquerda desse tempo um vulto  
se delinea contornando os ventos

que à margem oposta sopram pensamentos  
já consumidos nos confins dos dedos

de alcance pouco, muito embora atentos  
às voltas cegas dos mortais segredos

que tomam formas vãs... assustam medos  
– rudes caminhos, rastros consumados –

de noites frias e de sonhos ledos  
que agora surgem, sombras do passado

(quando futuro) que deixei marcado:  
– aqui é tempo... por favor não mexas!

na pedra viva do meu sonho alado:  
a infância pura que sorri no Seixas

## CANTIGA BREVE

Para Socorrinha

ao longo da vida inteira  
nos rumos que a vida tece

resurge sempre um silêncio  
que ao mesmo tempo carece

da atenção consagrada  
do desprezo que merece...

silêncio que a vida inteira  
no longo rumo esmaece

amores, encantos, risos  
solidão, tristeza, prece...

nesse círculo vicioso  
a vida passa e fenece

*Limoeiro do Norte, Junho de 1983*

## RETINAS

no sujo do cimento, estrelas sujas  
adormecem no chão sobre calçadas  
os seus brilhos apagam madrugadas  
por já serem como elas sujas, sujas

madrugadas sem cor, acimentadas  
feito ruas sem vozes, sem barulhos  
dos silêncios velozes, dos arrulhos  
que fugiram de mãos sedimentadas

e morreram sem sonhos, sem receios  
num suspiro de noite, de céus cheios  
de estrelas machucadas no cimento

refletindo a manhã do sol poente  
fendido na calçada quando rente  
à noite... nas retinas morre um vento



## SONETO DO AZUL POSSÍVEL

busco teus olhos, se possível, quando  
até em sonhos te desejo, assim  
vejo o momento que acredito sim  
o teu azul no meu olhar ficando

pupila azul que projetou em mim  
a cor que Deus só descansou pintando  
anjos e céus... e mesmo descansando  
pintou de azul o teu olhar, enfim

um dia azul em tua mão pra gente  
ficou guardado – seu olhar presente –  
talvez só Deus saiba o dia incerto

espero apenas que possível seja  
pintar de azul e bem azul esteja  
o teu olhar dentro de mim, bem perto

## UMA CANTIGA MORENA

areia, deserto, areia  
tudo é breve – o tempo engana  
a cor morena da tarde  
essa tarde cor de tâmara

nas areias do deserto  
o eterno passa e chama  
as luzes da noite fingem  
essa noite cor de tâmara

deserto, Argélia, deserto  
um vento chega e reclama  
do silêncio em teus olhos  
esses olhos cor de tâmara

Marrocos, Tunísia, areia  
um sorriso diz que ama  
os lábios ficam sem voz  
esses lábios cor de tâmara

Marrocos, areia, areia  
no rosto a beleza insana  
a tua pele morena  
essa pele cor de tâmara

deserto, areia, deserto  
tudo é nada e nada engana  
amor, morena, morena  
de cheiro, de cor de tâmara

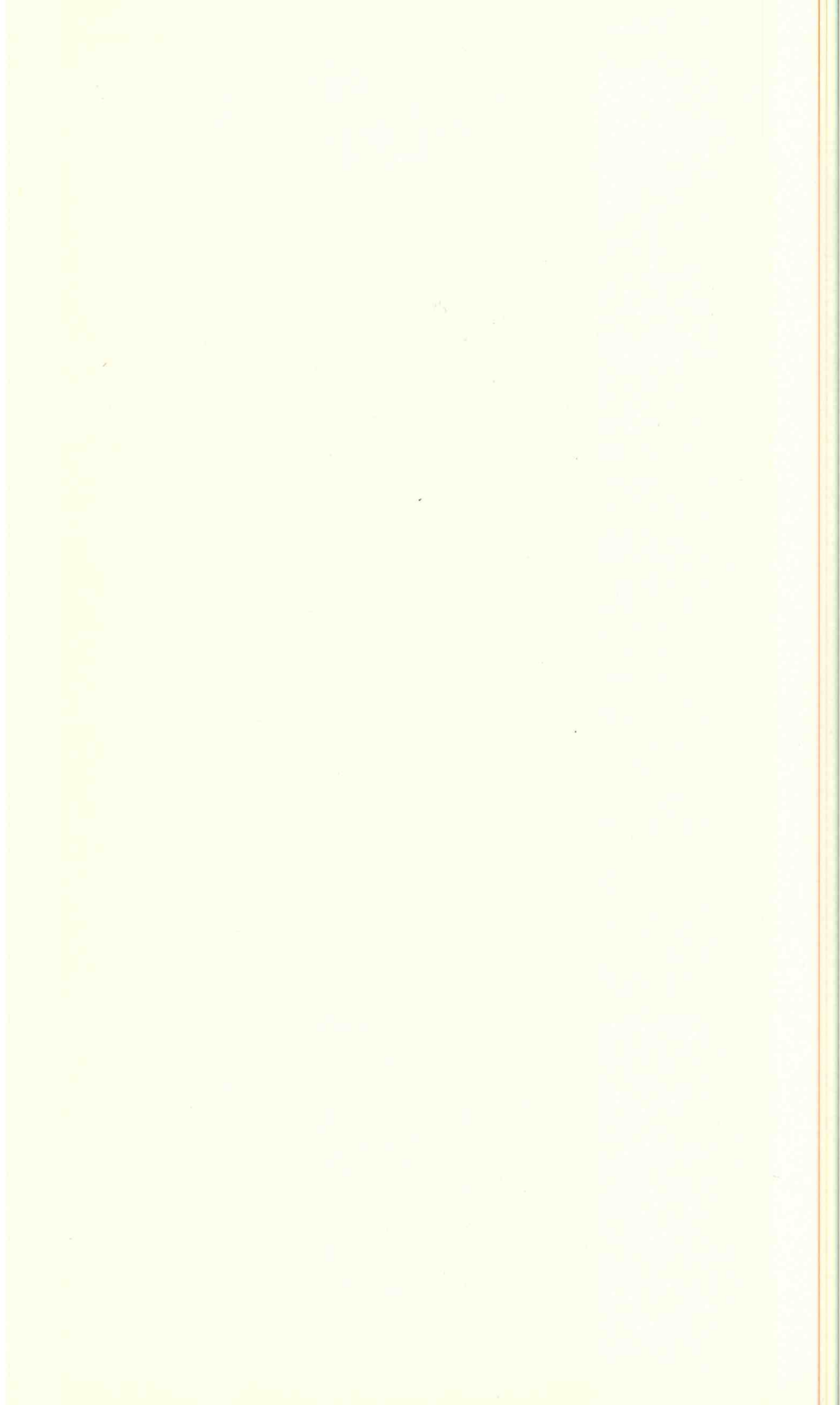
## A CEGUEIRA DA LUZ


a cor da luz que refugia a noite  
reflete sombras presentidas quando

o tempo, ocaso, conspirou a luz

e nas pupilas desta noite fria  
a luz fundiu-se contornando sombras

e se fez sombras quando a luz, a luz...

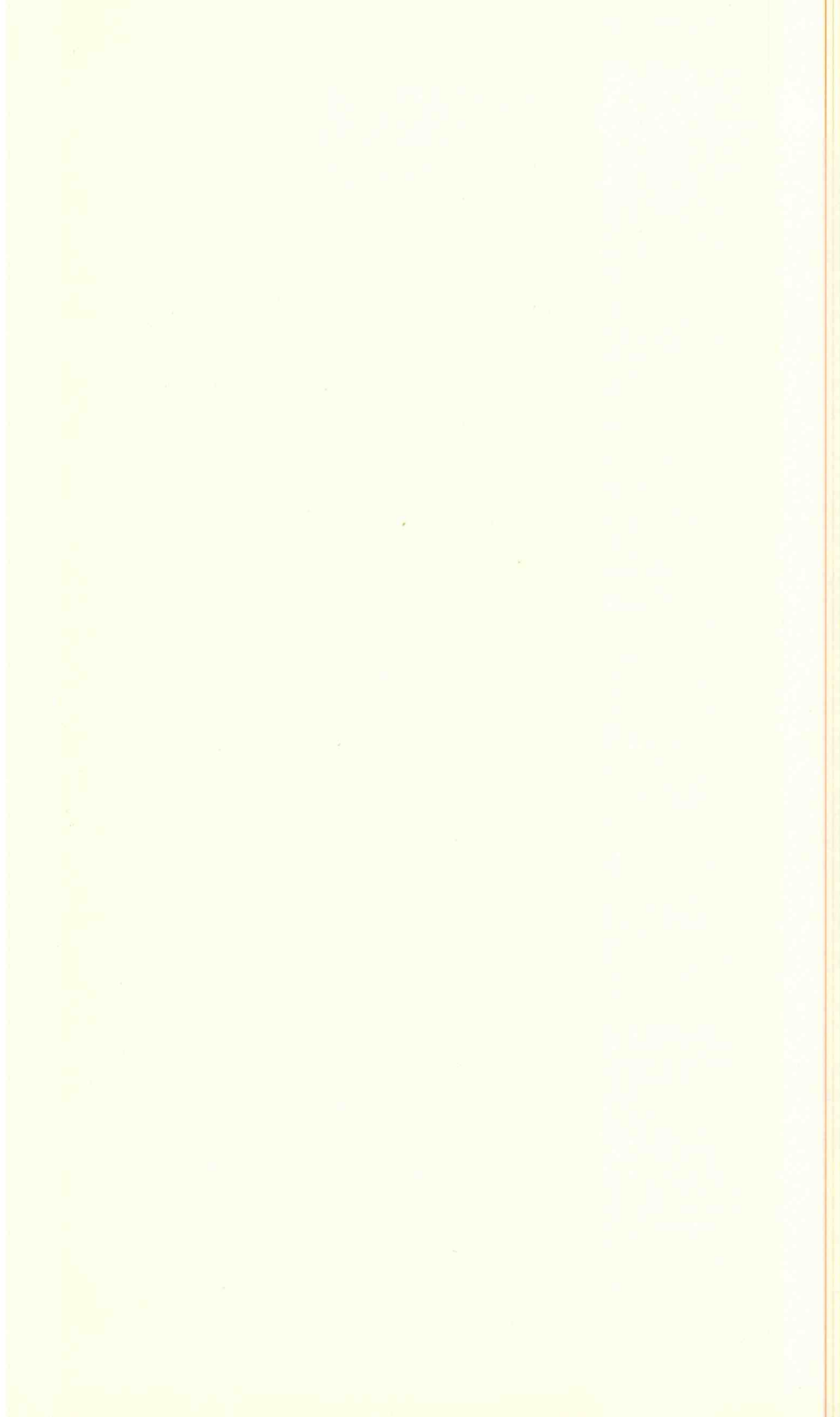




Outono de Pedra

1994





CANTO I

O sol posto

em cada pálpebra

um sol posto

os cílios não terão amanhã?

## CANTO II

Pau de arara em marés de asfalto  
matolão aposentado na esquina  
becos & guetos  
aboios perdidos na avenida paulista  
abstrato versus concreto  
o dia morto rente ao viaduto  
lágrimas de ocasos  
suicídio das horas  
chuvas cerebrais  
penumbra ao meio dia  
tatuada no olhar



### CANTO III

No divã  
    argamassa de cimento  
vida quase morte

(o complexo das unhas)

indelével memória  
    arredia hipnose

divagações:

naquela terra distante  
muitos sonhos se evadiram  
levados pela distância  
de noites cosmopolitas

sob o império do sol  
e barricadas de chuvas  
muitas vidas sucumbiram  
perante a gota de orvalho

naquela terra distante  
na palma da mão sedenta  
nos dedos dos meus avós  
nos traçaram esse destino:

L

É

G

U

A

S

t

i

r

a

n

a

s

a fio

de caminho e de poeira  
e de areia em vez de rio

– a vida sujigada entre os dentes

## CANTO IV

E no entanto ainda salta  
ritmada da garganta  
verso/rima: poesia  
no mormaço dos alpendres  
sob a luz do candeeiro  
ou da vela de 100 Watts

e se é lua e mês de abril  
o repente é mais vibrante  
se exalando no galope  
caudaloso e repicado  
da viola enamorada  
do poeta e cantador:

quando digo das coisas do sertão  
este solo que inunda o meu cantar  
vem a lua silente me escutar  
debruçada em perdida solidão  
canto os vícios sublimes da paixão  
aflorada no rosto feminino  
também canto este povo e seu destino  
a incerteza do tempo inconseqüente  
refletido por alma, corpo e mente  
saga-gênese do homem nordestino

o meu canto é de rima soletrada  
dissidente da língua adormecida  
na rudez da palavra convergida  
nas pupilas do verso represada  
é a voz, dessa gente, entressonhada  
entoando um galope à beira-mar  
vem de longe segredos desvendar  
o meu canto é, enfim, de vida e morte  
palmilhado no peito livre e forte  
do poeta que sabe improvisar

## CANTO V

Muros sombrios, limites  
fantasmas de coronéis  
no subsolo gargalham  
choramingam velhas mágoas  
na memória do porão

sopra um vento frio e brando  
com um cheiro melancólico  
condensando nas narinas  
pesadelos ancestrais

(muita terra, poucos donos  
de tão longe este refrão)

no porão, calada História:

espinho de xiquexique  
atravessado na artéria  
cravado no calcanhar  
medula-farfa, da História  
transpassado sobre a pele  
ressecada pelo sol  
de sangue-suor tingida  
espichada na caatinga

espectro de rija sombra  
consumido no serrote  
esculpido pela goiva  
no repuxo de aroeira  
estaca/roseta/aramé  
entrecasca do pau-d'arco  
dura imagem pressentida  
moldurando o latifúndio

a flor do mandacaru  
estampa um sorriso largo  
brotado por entre espinhos  
na solidão dessas tardes  
qual homem sofrido e pasmo  
que se contenta com o nada  
nessa miséria de morte  
no rude rosto de cactus



a seca consome léguas  
retirantes pés ao pó  
resumidas nas estradas  
do silêncio ruminado  
suplicantes romarias  
clamando nuvens errantes  
em nome de Deus cavalgam  
palavras, desilusões

a chuva vem afagar  
o sertão com água santa  
afaga também os lábios  
ressequidos, a garganta  
um brilho reluz nos olhos  
transbordantes de esperança  
de ver o grão desolado  
vingar no magro torrão

a terra seca ou molhada  
pelo sol mais causticante  
ou pela chuva mais densa  
é sempre esta mesma terra  
ou tão molhada ou tão seca  
que não mata a seca-fome  
da mente sã... semi-árida  
nesta escassez e descaso

## CANTO VI

Essa História  
longa e árdua  
vem escrita  
vem traçada  
pela tinta  
vil e trágica  
rascunhando  
noutras linhas  
transcrevendo  
noutras páginas  
falsas letras  
desbotadas  
no silêncio  
das palavras

## CANTO VII

Esquálido corpo  
de pedra granito  
sofrida alma  
de sonhos marcada  
as mãos para o céu  
louvando a Deus  
os pés sobre o chão  
entre o tudo e o nada

a vista acesa  
    buscando horizontes  
ofusca no cinza  
    dos olhos calados  
singrando a vida  
    embora inerte  
atentos momentos  
em dias fadados

partido do ontem  
    sem rumo e sem medo  
veredas seguidas  
    ocasos remotos  
desertos cortados  
    de fome e de sede  
galgando na pedra  
futuro ignoto

rastro incansável  
o sol feito abrigo  
silhueta sinistra  
alçando o infinito  
geométrica figura  
sangrando ocasos  
tempo infecundo  
instante proscrito

o sangue que corre  
em veias opacas  
vias serenas  
oculta segredos  
do tardo momento  
esculpido na rocha  
do efêmero viver  
de ânsia e degredo



## CANTO VIII

O cantador repentista  
peregrino da viola  
conhece o rumor dos ventos:

inesquecíveis memórias  
marcam homens e destinos  
a saga dos nordestinos  
entrelaça a mesma história  
na parca crença irrisória  
este caos mais se afigura  
exposta em tosca moldura  
na forma: fome e miséria  
o tênue pulsar da artéria  
esvai-se na desventura

em três mundos consagrados  
divisas separam vidas  
opressoras, oprimidas  
limites bem demarcados  
em marcos configurados  
extrema ideologia  
predomina e contagia  
de vícios... humana gente  
falso mito incoerente  
de mortal hipocrisia

## CANTO IX

Unhas encravadas  
fixadas  
fichadas  
no esmalte-sangue  
do tijolo

subindo no asco da noite  
possantes\imponentes\frias  
colunas verticais

subindo no asco da noite  
frágeis\humildes\tensas  
colunas cervicais

andaime  
andaime  
andaime

passaporte  
para a vida extraída dos músculos  
passaporte  
para a sina fincada nos calos  
antagônicos limites  
sobem e descem  
nas fibras de aço  
nas fibras de nervos

## CANTO X

A colher alimenta  
rica estrutura  
substâncias imprescindíveis  
para crescer

breve

para crescer

firme

para crescer

lorde

para crescer

nobre

para crescer  
crescer para  
pára crescer

## CANTO XI

A colher alimenta  
pobre estrutura  
matéria minguada  
medida  
regrada  
imprescindível e mínima  
para resistir  
para sucumbir  
sugada nas fibras  
alheia nas fibras

cimento\ferro  
pedra  
tijolo

pedra\tijolo  
ferro  
cimento

tijolo  
pedra  
cimento\ferro

cimento  
ferro  
tijolo\pedra

homens\fome\homens  
vida  
poder\mais-valia

a l v e n a r i a

manhã\ilusão  
café com pão

almoço\refrão  
arroz com feijão

jantar\solidão  
cachaça e alcatrão

homens\fome\homens  
morte  
angústia\anemia

cava  
cova  
mal  
finado

dia

CANTO XII


O sol posto

em cada pálpebra

um sol posto

os cílios terão amanhã?

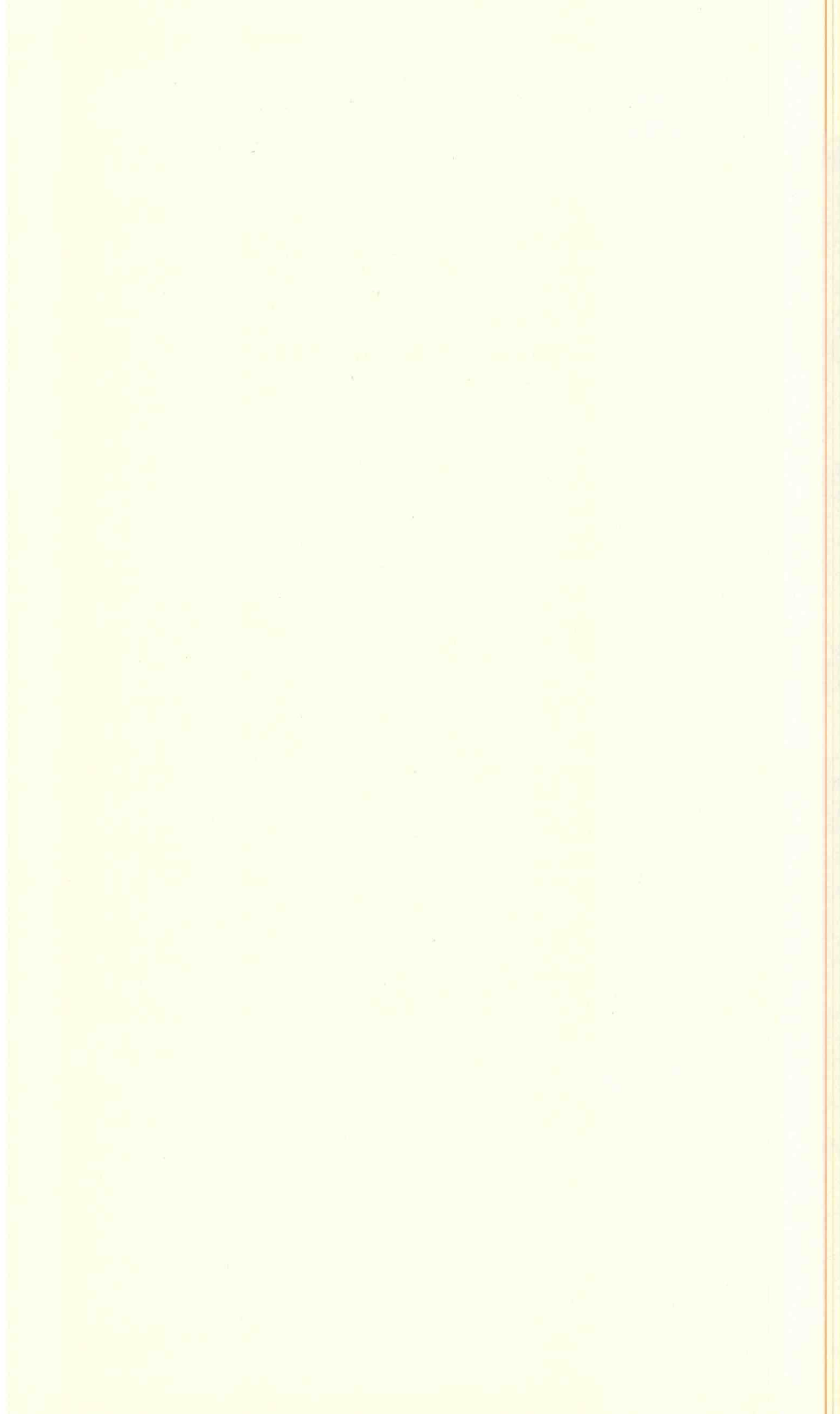




O Soldador de Palavras

1997





## POEMA DA IMPROVÁVEL VÉSPERA

foi em vão a batalha da voz tensa  
que findou na gagueira atormentada  
mais em vão foi pensar que não se pensa

quanto a vida é promessa, só, mais nada  
que se oculta na fala e se afugenta  
na certeza da angústia aprofundada

nos suspiros da ânsia que alimenta  
os desejos ambíguos desvendados  
essa febre que mente humana inventa

refúgio de mistérios confinados  
presentidos em gestos inconstantes  
dos momentos agrestes exalados

entre os mitos dos sentidos conflitantes  
que a memória retarda quando ausente  
o perfeito equilíbrio exposto e antes

da sensata mudez que se consente  
no final da batalha a reticência  
conspirando a cegueira do presente

em linguagem fingindo a evidência  
nos limites dos sons ecoa a infância  
reescrita nos olhos da existência

## O SOLDADOR DE PALAVRAS

fazer poemas é soldar palavras  
fundir o signo – literal sentido –  
do verbo frio, transformado em chama  
aceso verso, pensado e medido

sob a moldura da expressão intensa  
fingem palavras um som mais fingido  
além, no ocaso, da sintaxe extrema  
fuga do verbo não mais definido

criado o texto, com idéia e tinta  
forma e figura em linguagem extinta  
quebrando regras de comuns fonemas

a idéia é fogo. Fogo... o verbo aquece  
a tinta é solda que remenda e tece  
versos, metáforas... por fim, poemas

## VAGO

vagueio mirando um rumo estático na retina

vago

vago

não me iludo

desnuda minha idéia

meio crente

meio cético

(A luta corporal é o meu limite)

– resíduos de mim...

ser poeta

o poema nasce na áspera forma

bocejo madrugadas

digiro raios de aurora

o sol nasce e se esconde

no poente das minhas pupilas

a poesia, num lampejo

passa insólita, intacta

absoluta

absolvida

sobre a minha face

sob o meu silêncio de mármore

súbito pára em minha frente

me intercepta

me interroga

(a poesia fala a língua universal da palavra)

se desvanece

foge

vai pelas arestas intemporais do verbo

invade-me uma penumbra  
no horizonte indeciso do verso  
re(verso) de rimas  
in(verso) de métricas  
an(verso) l i v r e

não me iludo

o poema vira páginas – quer deixar de ser vítima

## OS LIMITES DO TEMPO

meia face de sol – a tarde finda  
nos limites do céu e da calçada  
uma tarde partida, quando ainda  
refletida entre cores, desbotada

aquarela dispersa – morte linda  
(colorido de tez avermelhada)  
mas o tempo ilusório fez infinda  
meia face de sol desfigurada

murchas pétalas de horas finge o monte  
rente a linha deserta do horizonte  
feito rosa pendida... rosaflores

nos limites da sombra projetada  
nos contornos da noite aproximada  
percebo o tempo farejando as cores

## AS MARCAS DO TEMPO

o último impulso do segundo antes  
ao projetar-se no após segundo

risca no tempo cicatrizes, fendas  
(o largo corte invariável, sempre)  
que esculpe a forma virtual do instante

no confundível e abstrato mármore  
imagem sólida do momento único



## AS CORES DO TEMPO

percebo o tempo farejando as cores  
de um já vencido e desbotado instante  
tingidas horas (reluzente tinta)  
preserva apenas um azul distante

pelas arestas espirais dos tons  
embaça o risco do momento diante  
frágil moldura irregular do tempo  
descolorido feito sombra errante

riscam as cores novo instante súbito  
(um branco espaço a revolver o caos)  
traçando o tempo – qual íris perfeito

agora a tinta condensando as cores  
consagra breve, colorido intenso  
marcas de um tempo que se fez refeito

## PONTO NEUTRO

um ponto variável no infinito

um sinal

ú

n

i

c

o

início

são os olhos de Deus pensando tudo?

A vertigem do verbo

o tempo escrito

uma página do tempo

o tempo

o tempo

o tempo

as cores do tempo

as fugas do tempo

um sinal... um ponto

esta sensação – começo/fim –

(limite de tudo)

está neste variável sinal no infinito?

Único

i

n

í

c

i

o

um ponto

## A DEDUÇÃO PELA PEDRA

A João Cabral de Melo Neto

granito, calcário, seixo

– caminhos de Cabral em pedra morta?

A pedra revolvida  
    lapidada  
pelo gene da palavra

    pedra

não a geologia estrutural da forma

    pedra

        morfológica  
        pedagógica

esculpida pelo verbo  
(geometria complexa da metáfora)

granito, calcário, seixo

silente sopro de rocha  
na fenda rude do magma

nasceram flores e versos  
homens, cantigas e mágoas

pousaram rastros e ventos  
passaram rios sem águas

fingiram olhares cegos  
ficaram cortes e chagas

tingido sol amarelo  
em faces secas e magras

poeiras densas e léguas  
refúgio de antigas marcas

granito, calcário, seixo

– caminhos de Cabral em pedra morta?

Pedra

palavra

verso

dimensões quanto infinitas....  
muito além da configuração abstrata das pupilas

## VERTIGEM

já se ouviam, de estrelas, rebramidos  
entre as sombras da noite camuflada  
rumores de horas mortas... tempos idos  
– era a tarde batendo em retirada

lábios mudos fendidos pelos gestos  
pálida boca (a noite escancarada)  
consumidos olhares, quase restos  
– era a tarde batendo em retirada

a voz frágil, o braço já pendia  
vago, inerte, rumando pela estrada  
raios cegos... o sol oferecia  
– era a tarde batendo em retirada

os ecos projetados no futuro  
vã imagem, figura rebuscada  
na linha do horizonte um traço escuro  
– era a tarde batendo em retirada

as palavras... a frase repetida  
denso texto, linguagem retratada  
verso e verbo, no entanto, morte e vida  
sempre é tarde batendo em retirada

as medidas da mão, agora ausente  
conduzidas pra hora anunciada  
a vertigem, por fim, não se presente?  
Quando é tarde batendo em retirada

## O PASTOR E SUA ALDEIA

A Altino Caixeta de Castro

*Eu creio que a eternidade nasceu na aldeia*  
Lucian Blaga

o ladrido infinito de um cão morto  
nas vozes de outros cães é repetido

muito além, incessante ao nosso ouvido  
mais além, muito além da voz de um cão

trago a lua no bolso e o sol na mão  
e um rebanho de cabras e de estrelas

no desejo incomum de sempre tê-las  
na distante lembrança de uma aldeia

pervagando a memória das areias  
onde estrelas e cabras pastam sonhos

trago à sombra de alpendres breve sono  
presentindo o rangido da tramela

despertado ao contorno da janela  
no silêncio imortal da noite fria

canta o galo, outra vez, e denuncia  
(seu cantar tem a cor da lua cheia)

o prenúncio de um dia em outro dia  
da eterna solidão – eterna aldeia

## PAISAGEM ANTERIOR

o braço estendido à janela  
duas e trinta da manhã

– buscava apalpar gotas de chuva

o farfalhar dos primeiros pingos  
nas folhas da acácia  
                  umedeciam os tímpanos

depois, sobre a cama... inerte  
esperava a chuva apagar o fogo da minha insônia

enquanto isso  
com os respingos que caíam sobre a minha face  
eu me inundava de infância

## SONETO PARA UMA ESTAÇÃO

estas sombras antigas de poente  
guardam arcos de sol – dias de outono  
desfolhados na noite, nunca ausente  
quando as horas bocejam voz de sono

são instantes maduros de nascente  
na surpresa incessante do mês nono  
concebidos em gestos, mão silente  
quando as horas bocejam cor de sono

entre os cílios, o mundo em movimento  
sob as asas dos olhos morre um vento  
para não ser sequer restos de sono

mas ao leste dos lábios poussa a aurora  
fogem sombras antigas, vão-se embora  
surgem arcos de sol – dias de outono



## UM POEMA DE PASSAGEM

tinha a voz da palavra em seu silêncio  
e a presença... tinha imagem  
eram sombras – um poema de passagem

tinha formas rondando o pensamento  
no semblante uma miragem  
eram rastros – um poema de passagem

tinha um gesto pousado sobre a fronte  
neste gesto uma linguagem  
eram versos – um poema de passagem

## TARJA PRETA

era puro ar de ventilador

soprava contra as minhas narinas  
um vento retorcido, removido  
um furacão assolando o meu quarto

chegava de remessa, embalado  
com um agudo cheiro de plástico

era um vento plastificado

embrulhado  
sofisticado

– coisa vendida em shopping center

que fazer?  
Se o calor cozinhava a minha pele

as hélices não davam trégua

semanas depois percebi o meu lento suicídio  
narinas interdidas  
olhos áridos  
o corpo inteiro em decomposição

(até mesmo os livros reclamavam  
em intensos resmungos de páginas)

semanas depois flagrei a vida em pânico  
– a vida exilada em calafrios

que fazer?  
Se o calor fritava o meu juízo

semanas depois...

meu corpo. Ah! Meu corpo:  
cheiro azedo de tênis  
mofo de gavetas  
madeira antiga  
óleo de peroba  
suspiros de morte

meu corpo. Ah! Meu corpo:  
tornara-se condomínio fechado de ácaros

meu corpo. Ah! Meu corpo:  
morria de contente... arejado, feliz  
sob pétalas ao vento  
puro ar de ventilador

## O MAMULENGO

sentir o mundo – movimento e graça  
bordar sorrisos, encarnar em pano  
(esta emoção ao morto-vivo abraça)  
gesto ilusório... sábio? Não. Profano?

Irreal vida exsurge, incerto plano  
de ser boneco e homem, palco e praça  
ao projetar-se voz, trejeito – engano  
confuso rito que no olhar disfarça

o mamulengo finge o rosto e tinge  
de rubra cor os lábios, flor-esfinge  
erguida efêmera na instável face

incontroversa (esta anônima peça)  
que no teatro de boneco expressa  
o homem louco sem nenhum disfarce

*RES NULLIUS*

na rua um vira-lata morde flores

– socorro!

Gritam as rosas, os cravos, as papoulas  
os girassóis... apavorados

– cadê a jardinagem?

... um vira-lata morde flores

– o problema é grave  
as flores já sentiram nas próprias pétalas

## DESEJO & CHOCOLATE

um arco-íris surgiu entre dois lábios  
no azul do mar, no céu, no azul azul  
tinha a cor dos teus olhos – entre nuvens  
com sabor de alga, amido e chocolate

um arco-íris no mar, riscou tua boca  
entre ondas, lampejantes, mil desejos  
exalados na brisa, aceso olfato  
doce aroma de amor e de segredos

ante gotas de chuva e leves toques  
foi-se a tarde ancorando no teu rosto  
sob o rastro de um sol quase poente

em meus braços restou a tua imagem:  
um arco-íris risonho e transcendente  
em teus lábios: desejo & chocolate

## SONETO (MOMENTO I)

*Oh! Meu Deus! Um minuto de felicidade!  
Mas não é bastante para toda uma vida?*  
Dostoievski

seu olhar tatuado, afável, quedo  
o seu rosto na moldura de um sonho  
revelados: sorriso, voz e medo...  
– o momento mais lindo que suponho

tardes, noites, virão outras manhãs  
(momento que nos trouxe instantes ledos)  
indelévels, marcados de amanhã  
breve tempo futuro, quando? Cedo

outra vez, qualquer hora, espero tanto  
reviver esse olhar e todo o encanto  
de ficar com você mais um momento

um momento, quem sabe, a vida, a vida  
inteira e sempre... sempre indefinida....  
– razão de um infinito sentimento

## SONETO (MOMENTO II)

o momento... o sorriso, a tarde tudo  
(os meus olhos navegam solidões)  
em você sutis marcas – verso mudo  
palavras não grafadas... ilusões

seu perfil ritmado – canto agudo  
do poema que fiz! Quantas versões?  
Reescrito nos lábios – nem contudo  
foi bastante. Por que tantos senões?

Mas vestígios ficaram, sim, marcantes  
gravados na memória dos instantes  
... momento em sua tez cor rosamanga

digitais impressões pra toda vida  
da paixão que se foi? – Eu tenho dúvida!  
– Restou-me desenhada em sua canga



## TELÚRICOS LIMITES

noites de luas invadindo alpendres  
num céu de março já cheirando abril

frutos perdidos entre flor e rama  
quando brotavam na manhã fingida

a mão que hoje ainda conta nuvens  
guarda entre os dedos repousadas sombras

chuvas escassas (represado tempo)  
regando telhas de biqueira antiga

com água pouca renovando o barro  
cozido quando mais soprava o vento

## O SILÊNCIO DA FLOR

foi quando as flores não vingaram frutos:  
(nos secos ramos, ressecaram tardes)  
as folhas murchas despencaram pálidas  
se dispersaram contornando rastros

pelos caminhos conspiravam fugas  
levando marcas de uma morte lenta  
porque raízes omitiram seiva  
para mantê-las sempre ao caule, sempre...

mas foi da terra, sim, que a morte veio  
do chão que a planta ruminava nuvens  
o fio de água, transformado em lodo  
contido pela rigidez da argila

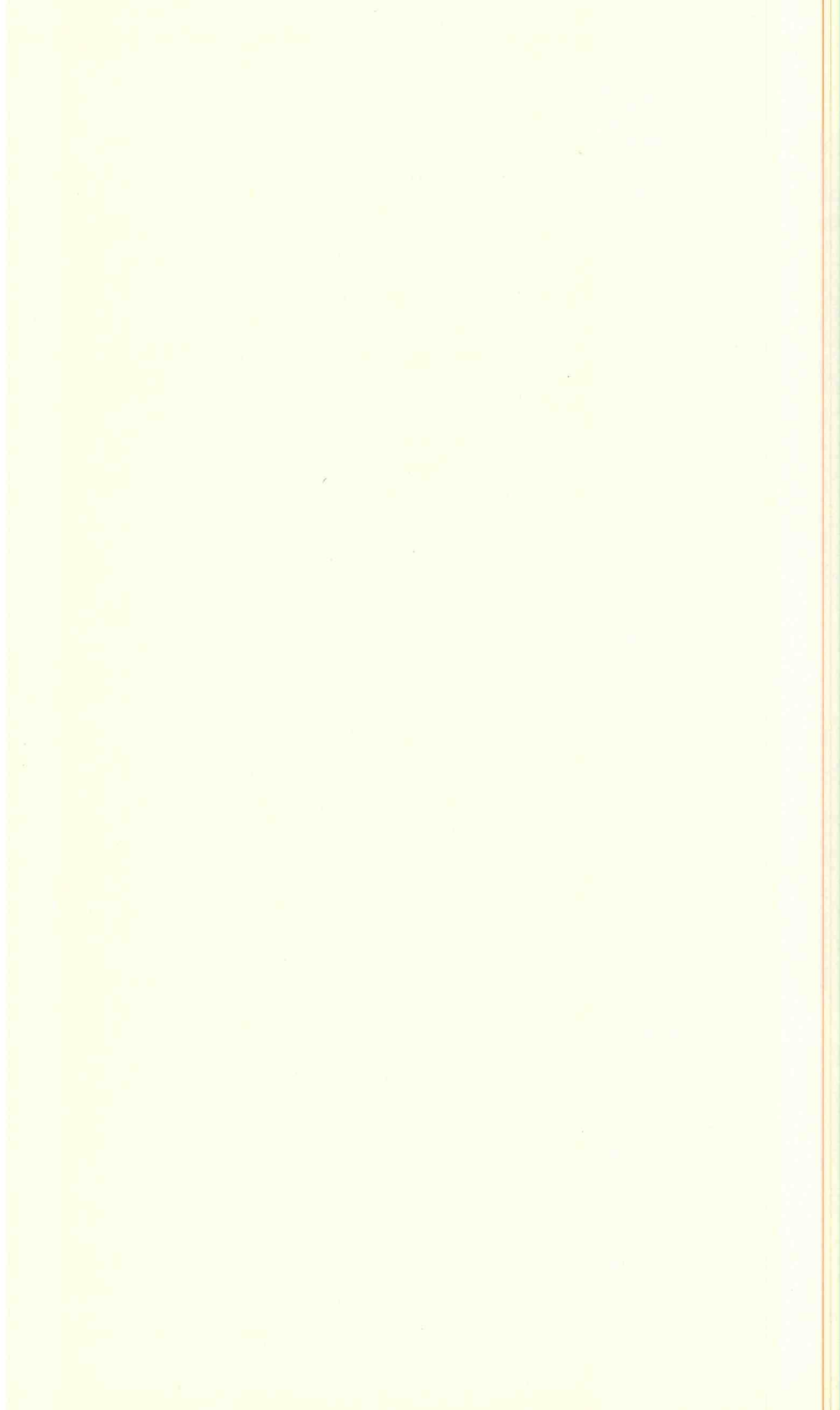
quando as folhas retornaram adubo:  
(nas secas tardes, renasceram ramos)  
antigas folhas inundando o caule  
imune seiva, frutos-flores, quando...



A Linha Extrema

1999





Quando as horas fugiam amarelas  
nas retinas de um tempo de papel  
busquei tardes em cores feito aquelas

que Van Gogh prendeu em seu pincel  
para o tempo pintar e ser constante  
sonhava ver o tempo em um painel

mas foi sonho somente, foi mutante  
o momento que vi em louco sono  
entre cores e traços – raro instante –

pintei de primavera aquele outono

Pintei de primavera aquele outono  
entre sombras as luzes fingem cores  
na surpresa incessante do mês nono

surge a vida em auroras e rumores  
consagrando infinito pensamento  
que nos homens se exala – sempre odores

ou perfumes levados pelo vento  
na palavra sutil mal percebida  
como um frasco partido no cimento

a surdez pelo olfato concebida

A surdez pelo olfato concebida  
– a razão de não ver além do além –  
por si só a visão se faz medida

dos presságios da morte que detém  
os limites da voz quando calada  
no contorno dos lábios muito aquém

da certeza inconstante disfarçada  
nos saberes da mão; já não importa:  
o silêncio diz tudo e não diz nada

murmúrio que sorri atrás da porta

Murmúrio que sorri atrás da porta  
desmantelo de noites e sigilos  
povoado na brisa que transporta

os zumbidos de estrelas e de grilos  
que mergulham as noites em segredos  
desvendados no sopro dos cochilos

sob a mira dos risos e dos dedos  
contornando destinos presumidos  
em caminhos de fugas e de medos

feito passos em sombras esculpidos



Feito passos em sombras esculpido  
simulados no mármore ou na areia  
esses rumos sem volta são contidos

no quadrante solar, na lua cheia  
e na planta do pé são reescritos  
musicados em cantos de sereias

por milênios em sons tecendo ritos  
conspirando contendas, passo errante  
e por ser algo mais que voz de mitos

se confunde nos versos que fez Dante

Se confunde nos versos que fez Dante  
quando amor e razão foram divinos  
mas se o amor é silêncio conflitante

por que e para quem dobram os sinos?  
Reticente será a mão que pensa:  
por saber dos possíveis desatinos

é que o senso comum não se condensa  
para ser incomum se necessário  
sob o impulso anormal da hora intensa

um verso desmedido e refratário

Um verso desmedido e refratário  
na sonora amplitude de um sistema  
deduziu o restrito e o secundário

em profunda versão de teorema  
definindo em feitura compulsiva  
a abstrata pureza – forma e tema –

para ter nessa imagem criativa  
a noção do impossível rascunhado  
e manter esta voz definitiva

moldura de um poema desregrado

Moldura de um poema desregrado  
– a palavra se fez imagem pura –  
o infinito, uma estrela e um arado

refletidos no chão, na pedra escura  
era luz, era verbo e de surpresa  
transformou-se em visível escritura

disfarçando os limites da leveza  
repousou como tinta no papiro  
e ficou para sempre, voz acesa

reescrito nas fendas de um suspiro

Reescrito nas fendas de um suspiro  
o universo filtrado nas narinas  
momento conspirado em breve giro

circulares fadigas peregrinas  
onde o tempo, princípio, pára e busca  
sempre a noite de lábios e mãos finas

para um sonho solar que não se ofusca  
no horizonte sem cor, manhã amena  
entre vultos remotos se bifurca

um sorriso de olhar e tez morena

Um sorriso de olhar e tez morena  
sabe rastros perdidos e caminhos  
e na mão espalmada foge a cena

ao sabor de petiscos e de vinhos  
que motivam segredos da existência  
quando a vida transpira em desalinho

e propõe outra vez a confluência  
dos murmúrios guardados e silentes  
na garganta secreta permanência

em impulsos há muito dissidentes

Em impulsos há muito dissidentes  
da língua dissipada no vazio  
aromas reciclados nas ausentes

lembranças de um passado fugidio  
sob a tinta dos olhos projetados  
na abóbada suspensa por um fio

incertezas de ciclos consumados  
– só nas fugas concebe esse disfarce –  
para os rostos dispersos confinados

em traços sugeridos pela face

Em traços sugeridos pela face  
esfinge tatuada – mão discreta –  
entre cílios e rugas quando nasce

na tangência frontal da linha reta  
o espanto desenhado na vertigem  
que nos medos reside, mas desperta

as origens fatais de toda origem  
convergente nos poros, nos conflitos  
como restos de larvas e fuligem

os gestos mais sinceros nunca ditos



Os gestos mais sinceros nunca ditos  
por ficarem retidos nos bocejos  
definhados na fúria dos atritos

redimidos nas ânsias, nos desejos  
e por serem voláteis não seduzem  
os reflexos febris de alguns lampejos

emitidos nas ondas que conduzem  
a sensata beleza das pupilas  
no final a mistérios se reduzem:

Giocondas, Helenas e Dalilas

Giocondas, Helenas e Dalilas  
projeções de contornos e sentidos  
rabiscados em névoas, em argilas

definidos na senda dos tecidos  
graça e forma medindo o toque inato  
a razão de presságios seduzidos

porque tudo se amolda no hiato  
que resume a sintaxe intuitiva  
na figura do verbo mais sensato

verso raro da mão substantiva

Verso raro da mão substantiva  
pensado no refluxo de um terceto  
raros versos, estrofe transitiva

desvendando as tendências de um soneto:  
o sol-posto sangrava a nuvem leste  
eram sombras – a noite – seu pretexto

(o sol morto nascia no Tibete)  
quando o esquife passou, fingiu Bandeira  
um momento da hora dezessete

alumbrado na tarde derradeira

Alumbrado na tarde derradeira  
que se fez infinita por um gesto  
na lapela guardou a tarde inteira

e se foi pelas sombras, rumo incerto  
só ficou no momento a voz poente  
um sublime momento que foi resto

de vozes inconclusas quando ausente  
o sensato limite do restrito  
e no extremo da linha congruente

as mãos postas continham o infinito

As mãos postas continham o infinito  
preso ao ventre da noite que fendia  
retirante sussurro, lábio aflito

mastigada palavra muda e fria  
como idéias em fuga (fuga-exílio)  
navegando na noite a cor do dia

tatuada no sol – porto que é cílio –  
onde a rota dos raios fez declínio  
e ancorou sua luz, mirante idílio

rente aos olhos secretos do fascínio

Rente aos olhos secretos do fascínio  
emergiam escumas e sargaço  
eram ondas com cristas de alumínio

arrastando pupilas pelo braço  
entre frestas a imagem foge e finge  
a imagem (como a forma) nega o traço

feito o grito que morre na laringe  
e se nega a exalar o som que exala  
os murmúrios da alma, noite-esfinge

pensa a voz, quer vibrar, o homem cala

Pensa a voz, quer vibrar, o homem cala  
a mudez vai ferir a voz divina  
fere a língua na fronte e fere a fala

e a razão transparente da retina  
chora Hamlet, gagueja, fica pasmo  
Dom Quixote decepa a cor latina

a loucura, infeliz, condena Erasmo  
ao silêncio sem voz que o atormenta  
o silêncio moído é dor, espasmo

corte brusco na artéria mais sangrenta

Corte brusco na artéria mais sangrenta  
aconchego de amor, ódios, paixões  
onde pulsa a memória da placenta

e os segredos do sim e dos senões  
confinados no gen intransitivo  
ressentidos na pele, nas tensões

só nos olhos, enfim, louco, impulsivo  
é que surge este gen que sangra e mata  
o desejo futuro intempestivo

na cegueira da fúria que arrebatava



Na cegueira da fúria que arrebatava  
o sorriso discreto das falenas  
com seus vícios impuros – insensata

aversão linear de esferas plenas  
os princípios das ondas circulares  
não atingem as águas mais serenas

as chuvas têm feitiços de luas  
que caminhos inundam, quase eternos  
sedimentam poeiras seculares

nestes sóis mastigados por invernos

Nestes sóis mastigados por invernos  
dormem faros, mormaços de verão  
como a doce brancura de falernos

exalados na febre da estação  
que ficou entre os dedos – cheiro e taça –  
presentindo o afago de outra mão

sombreada nos risos da vidraça  
que dissolvem auroras e granizos  
quando é noite – a noite quando embaça

as lendas mais ocultas dos sorrisos

As lendas mais ocultas dos sorrisos  
encantadas em torres de marfim  
só na fina triagem dos incisos

talvez fluam começo, meio e fim  
ou nas pardas estrelas da manhã  
ou nos frágeis ciprestes do jardim

são mistérios, o pomo-da-maçã  
a verdade real que se presume  
férteis lendas de vida incerta e vã

mera frase perdida em um volume

Mera frase perdida em um volume  
rabiscada no tempo transitório  
são idéias dispersas – um cardume

de palavras em busca do ilusório  
a frase já grafada finge a ponte  
entre o se permanente e o provisório

mas saber em qual lábio nasce a fonte  
é preciso o bom senso da formiga  
repensar o que disse Anacreonte

escutar tanto a flor quanto a urtiga

Escutar tanto a flor quanto a urtiga  
e de azul, se quiser, pintar as ruas  
debulhar um sol-posto em cada espiga

ao chover, grão por grão semear luas  
nas antigas aragens onde teias  
e viçosas estrelas seminuas

reproduzem cantigas – em aldeias –  
que fecundam silêncios e ruídos  
os presságios maduros das candeias

onde cabras remoem seus balidos

Onde cabras remoem seus balidos  
e remoem também as madrugadas  
que congregam os ventos remoídos

em pétalas de escumas machucadas  
na feroz viração da folha presa  
viração de águas murchas represadas

entre a nuvem ferida e a pedra ileza  
intempérie de pólos uniformes  
oscilando entre a quase forma avessa

unidade impulsiva e multiforme

Unidade impulsiva e multiforme  
(conceitos definidos e sinais)  
que num ponto de luz repousa e dorme

no futuro, ancorado, de algum cais  
submersas memórias, porto em chamas  
memórias, enfunadas, de corais

entre pedras, marés e diagramas  
traçam rotas, destinos, outros mundos  
o universo perfeito – um anagrama –

os sintagmas mais belos, mais profundos

Os sintagmas mais belos, mais profundos  
rabiscados nos céus – divino estudo –  
suspiros terminais de moribundos

quando esmagam nos dentes vida e tudo  
que sonharam a tempo, o tempo enquanto  
abstrata convulsão de olhar sisudo

que percorre os extremos canto a canto  
como as águas que dobram os moinhos  
e respingos assustam, água-espanto

nas vértebras remotas dos espinhos



Densa linha de ocasos convergidos  
na mistura de traços, cores, tintas  
percebi nos extremos desmedidos

os extremos fatais da linha extinta  
onde sombras e luz a mão presente  
no possível flagrar da essência quinta

louco sonho, futuro, inconseqüente  
vi meus olhos tingidos – aquarelas:  
é que o tempo foi breve e reticente

quando as horas fugiam amarelas

Densa linha de ocasos convergidos  
na mistura de traços, cores, tintas  
percebi nos extremos desmedidos

os extremos fatais da linha extinta  
onde sombras e luz a mão presente  
no possível flagrar da essência quinta

louco sonho, futuro, inconseqüente  
vi meus olhos tingidos – aquarelas:  
é que o tempo foi breve e reticente

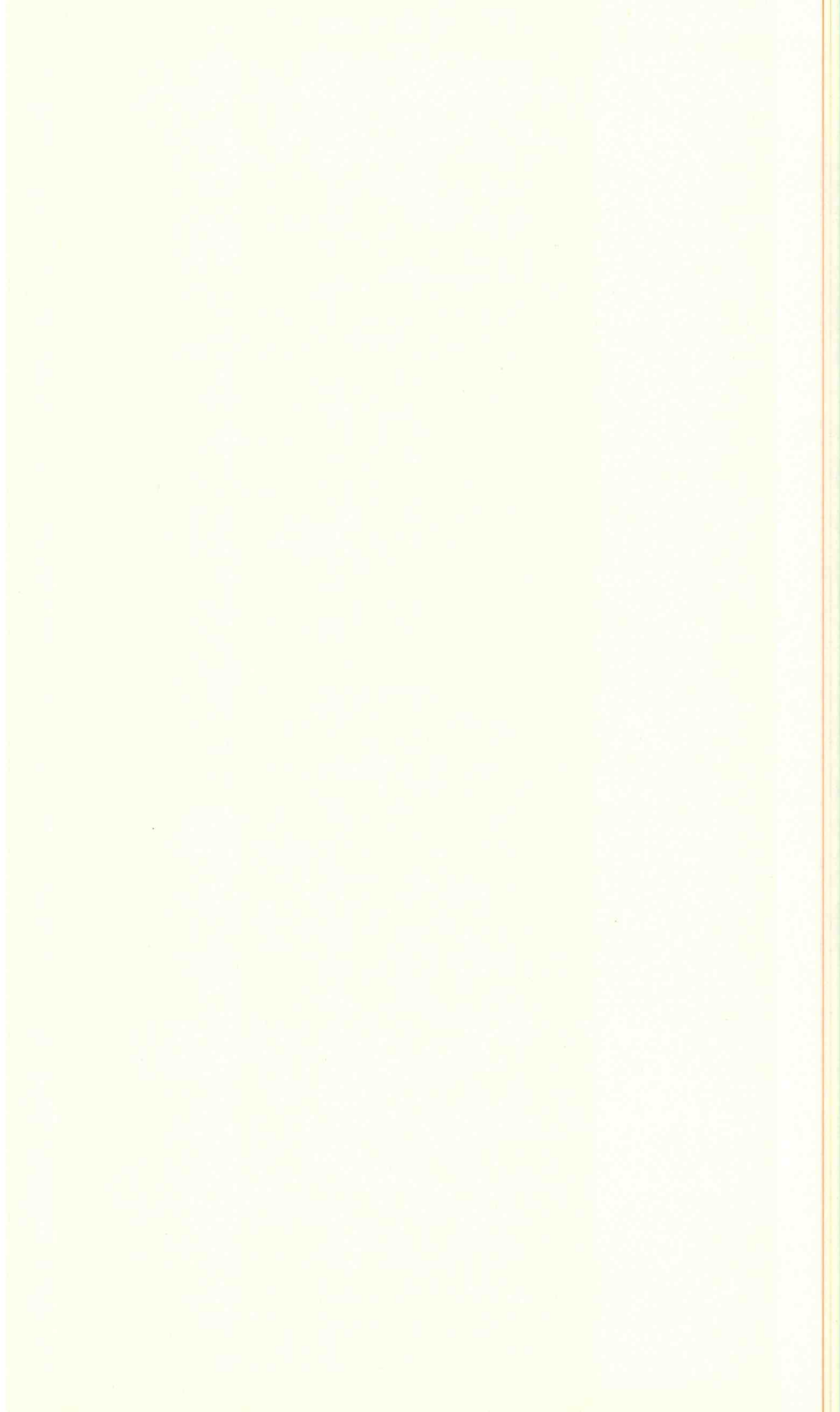
quando as horas fugiam amarelas



Quadrante Lunar

2005





## MOTIVOS PARA UM POEMA

na frieza do papel nasce o poema  
que há muito contornava minha mão

na incerteza dos dedos, o dilema

em fazer um poema sem razão  
mas o verso não surge por acaso

sempre tem um segredo, um senão

desenhado na face, no sorriso  
que sorri outra face com ternura

– o rosto imaginado – só por isso  
a razão do poema é razão pura

## TINTA SOBRE TELA

pintaria de azul a cor do vento  
de vento pintaria a lua cheia

se pudesse pintar este momento

pintaria de céu e luz que ondeia  
colorido eu faria o tempo, sempre

chocolate, vermelho, creme-areia

na mistura de tempos, fim errante  
a cor do pensamento se desfaz

com um resto de tinta e meio instante  
vou pintar meu nariz de cor lilás

## O TEMPO E SALVADOR DALI

(sobre a tela, *A dança das horas*)

nas presas de um inseto o infinito  
desvendou sobre a tela a mão futura

o azul tem a dor e a cor de um grito

camuflando no traço a tinta impura  
um suspiro de tempo demolido

refratário da noite prematura

que amordaça na hora incongruente  
o infinito, o inseto e sua presa

o azul tem o sono e a cor latente  
do tempo desmaiado sobre a mesa

## ANTES DA ORIGEM E DEPOIS DA ORIGEM

nos confins das cores a cor se assusta  
com os possíveis movimentos quando

nem mais do tempo se percebe o instante

não existe antes, nem depois existe  
um ponto neutro – supõe ser o tempo

indefinido, amordaçado, um caos

onde se finda e tem começo o impulso  
o movimento que define as cores

antes da origem e depois da origem  
a luz, a sombra, a imagem, o susto



## O SILÊNCIO NO AQUÁRIO

em meu silêncio, meu exílio canto  
e nele morro e quase sempre habito

se no meu sonho, meu silêncio encanto

é porque nele minha morte evito  
guardo a memória desses deuses surdos

transformo em cinzas a feição do mito

e na distância de caminhos tardos  
durmo ao relento sobre a terra fria

e nas pupilas desses gatos pardos  
vivo mil noites pra sonhar um dia

## EVOCAÇÃO A HAMLET

quando li, oh Hamlet, o manuscrito  
sentei às margens da linguagem, mudo

pensei no livro que não foi escrito

na trama louca de um verbo surdo  
pensei no homem que pensou a letra

(primeira imagem) a palavra... um mundo

o manuscrito, preso à mão, reli  
cada palavra continha um segredo

e vi na escrita, na escrita eu vi  
teclas e senhas, navegantes dedos

## ANATOMIA DE UM DOMINGO

de sargaço, corais, sol e marés  
o domingo se enfeita em tardes nuas

domingo não é dia, faz que é

na semana passeia pelas ruas  
em cangas e biquínis se encanta

em mulheres que enfim são todas suas

nada mais tão domingo, é ar discreto  
crianças em sorrisos de pipocas

momento em que sentimos Deus mais perto  
ultraleve, asas-deltas e gaivotas

## SALMO PARA ENCANTAR A VIDA

Para Elisa, minha mãe

um mistério, o terço, um escapulário  
nos olhos murmúrios, reza e segredos

cantos e salmos – um Santo Sudário

tecido de fé, tingido entre os dedos  
palavras e ritos, gestos e encantos

a vida e a morte: os mesmos enredos

o instante sagrado, inerte e sereno  
repousa entre as mãos, o instante mais calmo

o Céu vem dos céus – o mundo é pequeno  
sublime é o canto, os gestos e o salmo

## A INVENÇÃO DO POEMA

quero a página livre e a mão discreta  
uma manhã rabiscada, um céu de agosto

meia dúzia de verbos, mente inquieta

e um sorriso ancorado no meu rosto  
é tudo o que exijo e não é muito

quero, ainda, a infância de um sol-posto

no instante que a idéia, o poema...  
(poema não é feito como torta)

eu só quero a beleza nua, extrema  
e um silêncio sem fim de língua morta

## QUADRANTE LUNAR

A Francisco Carvalho

a cortina esvoaça, a luz se agita  
as sombras na penumbra são imagens

que projetam no tempo a voz aflita

de outras eras – sussurros e miragens  
contidas na memória, luz e sombras

que acenam na distância, de paragens

entre luas antigas, vento e velas  
o silêncio do tempo circundante

moldurando a cortina e a janela  
a lua decifrada em um quadrante

## O HOMEM PELO HOMEM

naquela noite eu não podia, pense  
deixar meu gesto preso no sapato

fingir que flores surgem do cimento

depois voltar imune pro meu quarto  
pensar talvez, um tanto inconseqüente

que no futuro só serei retrato

naquela noite eu não podia apenas  
deixar que um susto fosse meu receio

tinha que ter em meu semblante, pense  
meio sorriso laminado ao meio

## ANÁLISE DA INSÔNIA

na retina a insônia fende o olho  
e se enrosca nos cílios feito arbusto

se amonstrega e se vai entre cochilos

invade a sala – causa medo e susto  
decepa a noite, fere a madrugada

conspira versos de Allan Poe e Augusto...

mas a insônia me volta ao quarto escuro  
o olho aceso sente um vento torto

e nas aragens de um olhar maduro  
semeia o sono de um tempo morto



## POEMA DA MANHÃ NASCENTE

o silêncio inclinou, tempo maduro  
desbotado no olhar de voz contida

garganta milenar de algum futuro

sonhado na manhã anoitecida  
em suspiros de galos cor de sol

e de cantos incertos como a vida

a certeza de um tempo itinerante  
a futura manhã que se presente

o silêncio maduro não distante  
na garganta de um galo, um sol nascente

## POEMA PARA UMA TARDE ANTIGA

A César Leal

antigo sol maduro, tarde antiga  
desbotada penumbra de verão

aquarela remota que instiga

coloridos futuros, quando são  
fevereiros de águas consumidas

pelas nuvens agrestes que se vão

para além de outras tardes, mais além  
tingidas pelo rastro retirante

águas breves, intensas quando vêm  
na cabeleira de março esvoaçante

## O CONCRETO E A MÁQUINA

o tempo, a inclinação pelo tempo  
a-in-da concreto – concreto a-in-da

essa argamassa, enfim, essa argamassa

concreto ainda (a i n d a) sim concreto  
se não concreto – concreto sim, não

assim não, assim não, assim, assim

a luz se move – a luz – a luz se move  
a luz do último trem subindo ao céu

a máquina do mundo voa, a luz  
o azul, a máquina, a luz, o azul

## AS IMPUREZAS DA LUZ

o desespero das sombras conspira  
a fantasia inocente do instante

a juventude da tarde e respira

a noite mais noite – um tempo distante  
tempo possível, sem forma e sem rosto

extremo limite, um caos redundante

o corte e a dor, o momento, o medo  
que fere e dissipa a cor da retina

foge o silêncio – a fuga é segredo  
que vem feito sombra ou luz na cortina

## MINHA ALDEIA E MEUS CHINELOS

em meus chinelos trago a minha aldeia  
sob meu rastro tatuada e eterna

meu trisavô pulsando em minhas veias

minha palavra é sua voz interna  
o seu olhar em meu sorriso sonha

em meu sorriso, seu olhar hiberna

a minha aldeia segue o meu destino  
meu trisavô em mim refaz seus elos

se no universo penso e me confino  
é que meu mundo trago em meus chinelos

## UM CANTO PARA GARCÍA LORCA

vive a voz do poeta estrangulada  
pelos dentes vampiros, flor aberta

na manhã que foi tudo e não foi nada

quando a noite afagou a hora incerta  
nos versos que o poeta murmurou

sua voz na distância, voz deserta

que cantou *Tierra y Luna* e outros cantos  
– um sonho de Granada ou de Maiorca

vive a voz do poeta e causa espanto  
esta voz – o poema que foi Lorca

## QUANDO AINDA É SETEMBRO

um sol tostado sobre a pedra ainda  
tem marcas de um setembro entardecido

na face desse tempo que não finda

na memória do outubro amanhecido  
entre luzes dispersas e penumbras

do instante que se fez acontecido

no setembro vermelho, antigo e morno  
que fecunda manhãs, pensando em março

expelindo, febris, em seu contorno  
labaredas de vento pelo espaço

## UM FANTASMA DE HOMEM

saberia a palavra sua ausência  
talvez saiba, talvez da sua imagem

no poema possível, no poema

redimido na ausência da palavra  
quando os sons se arritmam, ganham formas

a ternura aquática do fantasma

saberia a palavra sua essência  
talvez saiba, talvez do olhar bizarro

de um fantasma de homem definido  
em um rosto de cera e uns pés de barro



## A PALAVRA SEGUNDO FREI CANECA

A Cláudio Aguiar

o gatilho, o fuzil, a força, o forte  
na mira, mais que mira, Amor Divino

o tempo, o fogo... o fogo, o tempo, o corte:

a noite sem passado e sem destino  
cinco setas disparam seu veneno

uma lua minguante, um sol a pino

a palavra incomum, aguda, acesa  
a palavra – este mar que nunca seca

o tempo, a luz... a luz, o tempo, a presa:  
Frei Joaquim do Amor Divino Caneca

## BANQUETE PARA UM FANTASMA

numa bandeja foi servida a hora  
em um castiçal, meio tempo aceso

um sopro magro ia porta afora

e porta adentro vinha um sopro obeso  
na sala, ao canto, tinha um riso torto

em pé junto à porta um vulto ao revesso

todos falavam, ninguém se entendia  
nas mãos um aceno em forma de enfeite

na mesa, à testa, um fantasma comia  
cantava e sorria, atento ao banquete

## ENTRE O SOL E O CIMENTO

A Társio Pinheiro

a manhã se vestia de cambraia  
e os seus olhos caídos sobre o vento

espiavam as sombras rente à praia

mas o sol debruçado no cimento  
sorria uma tarde – tarde antiga

que sorriu na manhã de olhar cinzento

ressentida de grilos, de zumbidos  
e de estrelas fingidas e cadentes

e se fez entre dias presumidos  
noites longas, pupilas dissidentes

## ARQUÉTIPO DE ANJO INVENTADO

a pele é de sol, a idéia granizo  
o sexo de bronze, a íris de lentes

tórax de fel e lábios de riso

surpresa na face, um céu sob os dentes  
passado sem voz, a boca sem viço

– agora incerteza e dias ausentes

hoje sua vida perplexa no espelho  
guardando a fachada incerta do escuro

foge de regras, detesta conselho  
seu tempo acabou, dormiu seu futuro

## A MEMÓRIA DAS AREIAS

caravanas, *sabbath*, caravanas  
traziam na memória a terra e Deus

e o sagrado descanso das areias

nos lábios um canto – eternas origens  
palavras de Abraão e de Jacó

em silêncio Davi pensando salmos

caravanas, silêncio, caravanas  
um sábado futuro, um amanhã

de pastores, carneiros, tempos, homens  
entre Deus e as colinas de Golã

## O CHEIRO E A COR DO POEMA

penso arco-íris de luas em poemas  
o poema... um arco-íris na palavra

que guarda luzes, sombras e sintaxes

nas imagens possíveis, nas imagens  
que somente ao poema se resguardam

na estranha anatomia da linguagem

e poemas figuram na vertigem  
entre o cheiro e a cor do verbo, sempre

idéias infinitas, que se fingem  
colorindo poemas quando sempre

## MAIS UM VERÃO EM MIM

mais um verão chegou ardendo em febre  
o sol acorda em íntimos bocejos

a pele nua – a pele exposta e nua

consagra o corpo esses verões andejos  
só pensa areia – areia é o seu divã

o seu divã é muito mais desejos

desse verão que em meu nariz se abriga  
ficarão cheiros de verões antigos

da pele nua, do bronze que emigra  
despindo bustos, tardes, sóis, umbigos

## BIOGRAFIA DE HOMEM COMUM

A Chico Colares

sob a freqüência desses dias meigos  
surge a ternura num momento xis

que na rasura desses homens leigos

busca a meiguice de uma mão de lis  
encontra bocas deformando vozes

pouco se pensa, diz muito e se diz

sobre a feiúra desses dias tensos  
a mão se anula, definha o pescoço

a rude imagem desses homens pensos  
essa omissão de voz, de sangue e osso



## BREVE HISTÓRIA DE AMOR

essa falência de pudor evito  
embora pague e tome meu veneno

se quando escrevo, muito me repito

é porque sei do verso mais ameno  
que no impulso da palavra muda

se faz poema porque me condeno

mas no meu canto, vivo meu encanto  
que para sempre quer viver em mim

se há motivos pra morrer, no entanto  
morra você... eu vou ninar meu fim

## A COR DO SONHO POR DENTRO

nada mais ao tormento me antecipa  
– o silêncio, a palavra, a dor, o riso

o medo a cada instante se dissipa

rompendo a insensatez do tempo omissivo  
vai além dos tormentos sem princípios

o silêncio inundando o som conciso

preso ao rosto – meu rosto entediado  
de palavras, de dor, de riso e tudo

mas das sombras emerge do meu lado  
a beleza invadindo o corpo mudo

## NO REVERSO DO DIA

*A canção, a simples canção, é uma luz dentro da noite.*  
Mário Quintana

vem que as vespas chegam no fingir da noite  
com as borboletas  
os mamangás  
o ciscar dos pintos

o dia pinoteia feito luz entre gravetos salta  
o muro  
entra  
vai pelas frestas dos cílios mal dormidos

salta o dia salta

as flores  
os frutos  
a manhã

c  
a  
í  
d  
a  
na grama

– resmungam assustados com o fingir da noite  
com o arrulho das sombras, com o silêncio das vespas...

vem que as vespas chegam no fingir da noite  
sugando  
a insinuância das manhãs  
sugando  
o alumbramento das maçãs

vem no reverso do dia  
contar para as vespas que ontem foi a noite da última ceia

## O POETA E SUA ALDEIA

Para Curt Meyer-Clason

... München, com o abraço do verão bávaro, sempre...

ontem recebi de München notícias do poeta Meyer-Clason

amigo de infância  
poeta que vive em mim

Recife Munchen Recife  
minha aldeia, sua aldeia, minha aldeia

o poeta em seu refúgio: a palavra – a aldeia do poeta  
nela a poesia habita os ventos sem rumo

as paragens sem vésperas  
as cantigas andejas da memória infinda  
a noite que dança rente aos nossos olhos  
(feito uma metáfora louca conspirando um poema)  
e se encanta nos resquícios de um assobio  
peregrino errante das aldeias

eterno

ontem a palavra lusíada  
hoje a palavra germânica  
amanhã a confluência...

mas aldeia é sempre aldeia sempre... um instante infinito  
um silêncio de vozes antigas  
um rebuliço de areias  
um rebanho de cabras e de estrelas  
um zumbir de grilos e de sombras

em Camões, em Goethe

Recife Munchen Recife  
minha aldeia, sua aldeia, minha aldeia

encanto

um sorriso de menino aldeão  
(o eterno indefinido no eterno)  
um aceno de menino aldeão

aldeia

Recife Munchen Recife  
entre uma aldeia e outra aldeia  
o azul não se define com sintaxe  
com silêncio  
com o tempo  
apenas se conspira entre um verão e outro verão  
de um poema

Recife, com o abraço do azul dos trópicos, sempre...

*Recife, verão de 2004*

## TRATADO SOBRE UM POEMA

quis um poema sem razão nem fim  
um canto surdo de areia e noites  
bem mais veloz que a ilusão do tempo  
que fosse a vida muito além da morte

quis um poema que tivesse o fim  
de ser apenas um rascunho torto  
entre as lembranças de qualquer rascunho  
entre os rascunhos de alguém já morto

quis um poema de tempo e de tempos  
regado a vinho – se possível tinto –  
do instante imune, que não foi instante  
do tempo impuro, do mais puro cisco

quis um poema que fosse um poema  
de pele clara, de cabelo ruivo  
que fosse a pedra fecundando o húmus  
e a luz gestante fecundando a luz

quis um poema... se quis um poema  
foi assim quase... meio, fim e meio  
sangrei a noite, mas fisguei o verbo  
quis um poema lacerado ao meio

## REFÚGIO DA LINGUAGEM

A José Maria Lucena

da linguagem remota  
surgem sombras  
    de palavras  
– passado demolido  
que renasce  
contendo outras imagens  
    outra fala  
    outra língua  
a mesma origem  
no poder da palavra  
da sintaxe  
da sombra  
que há muito foi vertigem  
do passado  
da sombra do passado  
que ficou em silêncio  
    confluído  
na linguagem  
– silêncio confinado  
a vertigem  
a sombra  
a vertigem  
da palavra  
na palavra  
refúgio da linguagem



## CANTIGA DO ETERNO INSTANTE

alguma coisa me espera  
do outro lado... na esquina  
no gesto que me fascina  
na manhã que vocifera

de olhar fixo na tarde  
a noite que vem, me chama  
mas o instante me esgana  
neste silêncio que arde

e se projeta na cor...  
que vai mais longe, que o longe  
e não se sabe até onde  
vai o disfarce da dor...

e busco por toda parte:  
na insone boca de febre  
no tempo que me persegue  
no estranho sonho da arte

talvez num pouco de mim....  
busco na sombra da imagem  
na margem da outra margem  
do instante que não tem fim

## PARAGEM PARA UM FIM DE TARDE

A Orlando Tejo

os fantasmas iam chegando nas asas de vento dos morcegos

chegavam, também, no vôo de anjo dos morcegos  
os primeiros zumbidos de estrelas  
o cricrilar dos grilos  
a inquietação das sombras e os vultos da noite

a noite era de rumores profundos  
murmúrios distantes  
bocejos sombrios  
quando os fantasmas despertavam para o tempo

os fantasmas e o tempo  
instigavam a morte e fustigavam a vida  
no vôo surdo e sombrio dos morcegos

a noite

os fantasmas iam chegando nas asas de anjo dos morcegos

## O SONHO DO MENINO MOHAMMED HAGA

*Sermões e lógica jamais convencem  
o peso da noite cala muito mais profundo em minha alma.*  
Walt Whitman

quatro horas e cinqüenta e dois minutos  
madrugada... amanhecia sábado  
22 de março, sábado... amanhecendo Bagdá

o menino Mohammed Haga sonhava:

rente aos seus olhos  
o Tigre e o Eufrates flutuavam feito plumas  
serenos... por entre o vasto Jardim de Gêneseis

(o homem inerte... ainda meio argila  
ainda meio homem....  
Deus soprou em seus olhos secos  
Deus acariciou os seus lábios cegos)

como se estivesse a folhear nuvens  
Mohammed ia deixando em seu rastro de sonho  
a Mesopotâmia e seus campos fartos  
e seus dias férteis... sua memória  
venturas e desventuras – seus deuses  
edificava-se, logo adiante, em seu sono de anjo  
a Babilônia... suspensa em pilastras amoritas

em tempos e faces, em faces e templos

uma outra visão em seu rastro, em seu rosto  
erguia-se, imensa, a Pérsia... Ciro, Cambises... Dario I  
conquistando povos, abraçando impérios  
abraçando impérios, libertando povos....  
em seu cavalo Cansim... negro, negro  
como os cabelos longos de Anandini  
negro, negro como os olhos meigos de Govinda

o trotar de Cansim era reverenciado  
(em sua negritude de véu e turbante)  
por toda a Ásia Menor e mais e mais....  
partindo do extremo Egito às lonjuras da Índia  
ecoando do Mar da Arábia ao Mar Egeu  
a sua glória, o seu esplendor, a sua glória...  
Lídia, Persépolis, Susa, Pasárgada  
o seu esplendor, a sua glória, a sua glória...  
Pasárgada! Pasárgada!  
os impérios passam... os impérios passam

a sagrada palavra de Abraão  
jejuava ainda... ainda  
em noites de areias milenares  
contemplando uma tarde em Ur

o menino Mohammed sonhava:

em seu resto de sono, uma nuvem única  
surgia, agora, a sua Bagdá eterna e sem culpas...  
chovia sobre o Tigre e o Eufrates  
flores de pétalas vermelhas pontiagudas  
flutuando rente aos seus olhos... feito plumas  
homens, mulheres, meninos  
silenciavam o horizonte sem portas  
assombravam as vidraças sem luz  
sem molduras, sem instantes....  
adormeciam, para além das noites  
os terraços de tâmaras e de luas  
terraços de luas antigas da Suméria

anjos velozes voavam em todas as direções  
navegando sobre os palácios  
navegando sobre as mesquitas

os desertos inundavam-se de passado

de todos os recantos do mundo  
avistava-se Bagdá imensamente iluminada  
como em seus instantes mais remotos de sol  
homens sorriam homens choravam homens  
Pasárgada! Pasárgada!  
os impérios passam... os impérios passam

Mohammed sonhava  
com a benção ainda possível dos céus

com a luz envolvente dos sóis  
com a melodia livre e alegre dos campos  
com a paz incessante das águas, dos ventos  
com o futuro passado... com o passado futuro

Mohammed sonhava  
com a bem-aventurança e a beleza infinita de Alá, de Javé  
em todos os tempos e templos e tempos....  
em toda a sua glória de Deus e princípios

quatro horas e cinqüenta e dois minutos... exatos

Bagdá sem culpas, sem porquês  
é sacudida do solo feito escamas incandescentes  
pairando rente às nuvens e a rastros inconfundíveis  
de Mesopotâmia, de Babilônia, de Dario I, de Cansim

o menino Mohammed voou como um anjo  
inocente – sorria, sorria – entre a nuvem e o sonho  
voou como um anjo entre pétalas pontiagudas  
vermelhas, cinzentas, encarnadas, cinzentas  
violetas, cinzentas... cinzentas, cinzas... c i n z a s

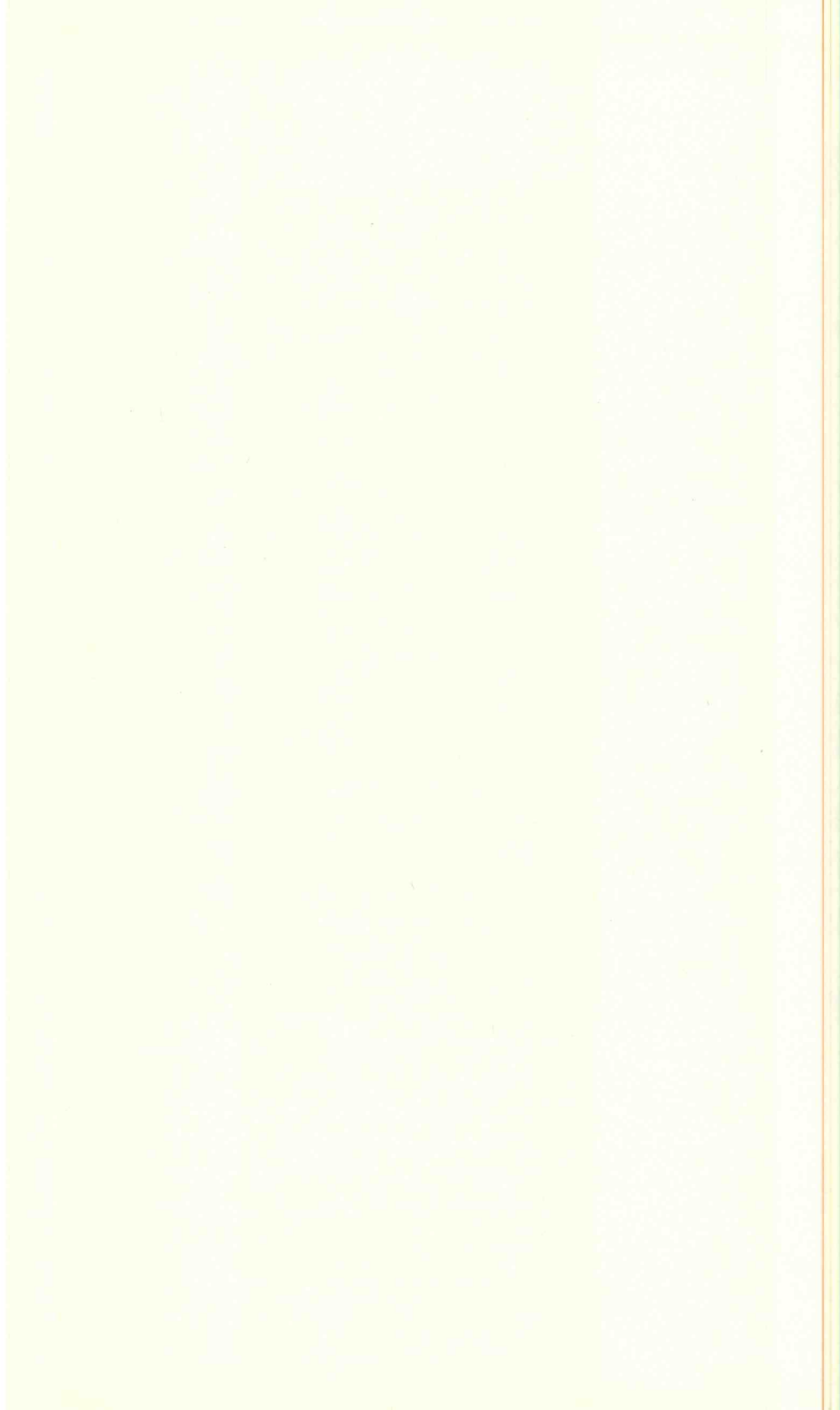
Mohammed Haga  
até um segundo de sonho antes  
(quatro horas  
cinquenta e um minutos  
e cinquenta e nove segundos)  
era, divinamente, o menino mais feliz de seu tempo

*Recife, abril de 2003*



Amostra Crítica







## A POESIA EXISTENCIAL DE MAJELA COLARES

Fernando Py  
Poeta, tradutor e crítico literário

O Poeta Majela Colares é atualmente um dos melhores nomes da poesia brasileira. Em todos os seus livros ressalta-se não apenas o cuidado com a escolha vocabular, o acabamento formal dos versos, mas sobretudo uma reflexão acerca do tempo e certa perplexidade ante o destino humano. Já consagrado, agora, volta-se para suas origens, digo, para o livro de estréia, reeditando-o com algumas emendas e o acréscimo de novos poemas do mesmo período. *Confissão de Dívida e Outros Poemas* (Calibán, Rio de Janeiro, 2001) é um volume que, lido hoje, denota já que, desde a estréia, Colares apresentava algumas de suas características atuais, como o cuidado com o aspecto formal do poema, as preocupações existenciais do homem e as reflexões sobre o tempo (veja-se, por exemplo, "Contornos do Tempo", p.59).

Os poemas de Majela mostram, igualmente, um certo pessimismo, de admirar talvez em poeta ainda jovem à época da primeira edição (1993), embora já beirasse os 30 anos. Mas uma pequena carga de pessimismo chega até a ser saudável, ainda mais levando-se em conta que este livro é basicamente confessional. Colares transita entre a confissão explícita, como em "Poema Anônimo" (p.25), e diversos outros que indicam sua "confissão de dívida" para com poetas maiores do nosso tempo, como por exemplo Manuel Bandeira, no "Sentir Recifense" (p.28), uma espécie de reaproveitamento do poema "Infância" deste, porém num tom mais desolado.

Todavia, esses poemas inaugurais também "confessam as dívidas" do poeta, suas leituras, ou seja, sua formação literária e filosófica bem estruturada que lhe permitiu alçar mais alto vôo nos livros seguintes. Outrossim, a menção explícita ao

clássico grego Aristófanes “Um Momento de Aristófanes”, (p.43) e ao grande poeta simbolista Cruz e Souza “Pensando Cruz e Souza”, (p.118), indica que sua poesia, já na estréia, adquiria uma expressão pessoal que só fez afirmar-se com o tempo.

Aliás, Majela sempre mostrou muita consciência de seu fazer poético, tendo hoje, com apenas quatro livros publicados, uma postura crítica segura diante da própria obra, a ponto de saber analisar e criticar também os textos que se publicam a respeito de seus livros. É o poeta por excelência, que já gravou seu nome na história da nossa literatura.

Tribuna de Petrópolis, 20 de abril de 2003.

## DÍVIDAS E DÚVIDAS DE UM POETA

Francisco Carvalho  
Poeta

A arte de Majela Colares vem-se consolidando de livro para livro. Essa é uma constatação que se pode fazer sem que seja preciso recorrer a exegeses sofisticadas. De resto, essa depuração de palavras e conteúdos tem de ser vista como algo absolutamente desejável em qualquer escritor que leve a sério o seu trabalho de criador literário.

Quem o acompanha desde os primeiros livros sabe que o poeta trabalha com determinação “para evitar o grande ruído”, a que se refere Eduardo Portella. Para o ensaísta baiano, o ideal de comedimento “é manter as contas verbais em dia, são os que não dilapidam, os que evitam desabar no vermelho. É aquele que gere a palavra com sabedoria e a obstinação dos descobridores” (Discurso de recepção ao poeta Ivan Junqueira na Academia Brasileira de Letras, 91 p., Rio de Janeiro).

Seu livro (*Confissão de Dívida e Outros Poemas*, 2ª edição, 125 p., Editora Calibán, Rio de Janeiro, 2001) revela um poeta em pleno domínio das múltiplas facetas do universo verbal. A sedução da poesia não lhe ofusca o discernimento nem o leva a afrouxar as rédeas do poema. O texto de abertura do livro é uma confissão explícita da sedução que a poesia exerce sobre o autor: “o poema que não fiz/ (mas sempre canto)/ fecunda a própria poesia/ que me seduz a vida inteira”.

A cosmovisão de Majela Colares esgalha-se em várias direções. Sua temática é abrangente e plural; vai desde “onde cabras remoem seus balidos” até o “corte brusco na artéria mais sangrenta”. Em diversos poemas do conjunto, o Nordeste mostra a sua cara lanhada de problemas, sua aridez milenar, os ventos doidos que semeiam redemoinhos pelas estradas; enfim, seu maltratado rosto de mendigo itinerante que ainda

hoje espera pelos brilhantes da coroa de um certo imperador.

A poesia de Majela Colares é um discurso obstinado em defesa de constantes rupturas na linguagem poética. Testemunha a vida presente, o homem presente, os seus conflitos e antagonismos, suas perplexidades e safadezas cotidianas, sua lamentável passividade em face dos mitos e tentações da sociedade de consumo, o massacre dos excluídos pelas lideranças econômicas, a volúpia do poder sem pudor, “o pensamento contraditório, alienado/ no corpo e alma do homem”.

No rastro de Manuel Bandeira, que se considerava um romântico mozartlesco, o poeta cearense evoca a cidade do Recife, o lirismo do “Capiberibe/ os carros inquietos/ a tarde no varal/ o dia de barco/ uma oferenda exótica”. Embora nascido em Limoeiro do Norte, Ceará, sob as pestanas de areia do Rio Jaguaribe, o poeta integrou-se de corpo e alma na paisagem urbana do Recife, absorveu-lhe os fluídos e aromas, governa-se pela bússola dos ventos que sopram do “mar solitário, sentado à praia (e que) chora por este dia morto/ por esta cidade que agoniza”.

O discurso do poeta parece mais aberto, mais explícito, mais direto, mais contundente. O que ele tem a dizer, não o faz sob a proteção de certos biombos da retórica. Ele o diz às claras, num estilo direto e sem inflexões barrocas, à maneira de um profeta que veio do deserto para falar ao povo sobre as armadilhas e imprevistos que o futuro nos reserva. Alguns exemplos: “viver de corpo e de alma/ completamente/ todos os motivos da existência// sou fruto do tempo/ do tempo e do mundo/ do orgasmo do tempo // foi-se a garbosa juventude aflita/ (...) feito a fêmea vulgar a ser fodida/ na ereta sensação rude que excita”.

Antigamente dizia-se que “a religião é o ópio do povo”. Para Majela Colares, “a liberdade é o ópio do povo”. Seria preciso ressaltar que o homem dos tempos modernos está sendo submetido a várias outras formas de ópio: o ópio da mentira, o



ópio da mistificação, o ópio da hipocrisia, o ópio da corrupção, e tantas e tantas outras formas de alienação moral, que seria enfadonho enumerá-las. Até mesmo a banalização, pela mídia, das vertentes mais grosseiras do erotismo não deixa de ser um cachimbo de ópio para desviar a atenção do povo brasileiro dos verdadeiros problemas e carências que o afligem.

Certas asperezas do discurso poético de Majela Colares – asperezas que ele exercita deliberadamente ao longo do livro, como formas alternativas de procedimento estético – eventualmente cedem lugar a poemas do mais puro lirismo. É o caso, entre outros, de “Uma Cantiga Morena”, onde se encontram versos como este: “deserto, Argélia, deserto/ um vento chega e reclama/ do silêncio em teus olhos/ esses olhos cor de tâmara”.

São esses alguns dos caminhos percorridos pela lírica de Majela Colares. Caminhos que se abrem generosamente para as expectativas de uma linguagem cada vez mais próxima das tragédias e efusões da sociedade contemporânea.

## VERTIENTES DE LA POESÍA DE MAJELA COLARES

Norma Pérez Martín  
Poeta, ensaísta e crítica literária argentina;  
Professora da Universidade de Buenos Aires

El joven poeta Majela Colares, nacido en Ceará, ratifica una vez más su calidad creadora. La palabra autorizada de Cláudio Aguiar lo señala legítimamente como “patente ejemplo de um talento que se afirma no cenário da poesia brasileira contemporânea”.

*Outono de Pedra* (1994), *O Soldador de Palavras* (1997), *A Linha Extrema* (1999) son los títulos de excelentes poemarios de Majela Colares. *Confissão de Dívida e Outros Poemas*, cuya primera edición es de 1993, añade ahora estos “outros poemas”. El discurso lírico se proyecta hacia diversas vertientes: todas ellas trazadas con equilibrio expresivo, hondura conceptual y transfiguraciones estéticas plenas de originales matices. Según confiesa el autor en esta reciente reedición, ha reestructurado algunos textos. El rigor de su elaboración poética lo ha llevado a seleccionar “palavras por outras de maior expressão e força poética, na tentativa de possibilitar novas imagens” (pg. 13 de sus palabras Preliminares).

Un meduloso prólogo de Foed Castro Chamma subraya los rasgos relevantes del poemario. Los problemas esenciales del hombre: el tiempo, la angustia existencial, la consciência crítica, la enérgica mirada del poeta, son analizados prolificamente por el crítico citado.

Este libro presenta cuatro unidades que focalizan temáticamente los aspectos que inspiran al autor: 1) *Moldura de um poema desregrado*; 2) *Corte brusco na artéria mais sangrenta*; 3) *Onde cabras removem seus balidos*; 4) *Outros Poemas*. Cada uno de estos enunciados anticipa entrañables vertientes. La metaliteratura asoma con personal lirismo en *Poema Anônimo*,

cuyos versos iniciales enfatizan la esencialidad de la escritura de Majela Colares: *“o poema que não fiz / (mas sempre canto) / está mais em mim / que muitos / (pouco que escrevi)”*. (p. 25)

Desde ja realidad desgarrante se metaforiza “um tempo oprimido, espremido e violado”. En Sentir Recife acuden imágenes de llanto y sórdidas alusiones que construyen una arquitectura textual, acompañando rítmicamente el escenario donde la lluvia, las sombras, los vientos constituyen simbólicos núcleos semánticos de estremecedoras memorias.

Majela Colares apunta, tanto hacia espacios inmediatos y cercanos, como lejanos y cósmicos. Su pincelada lírica atrapa a *“la criatura cósmica”*, al *“peregrino errante de las galaxias”* (p. 33) para proyectar su canto por los senderos religantes, místicos e espiritualmente impregnados de fe y esperanzas. En O Tempo Seguinte afirma con inquebrantable palabra salvífica: *a expectativa é cosmológica / a esperança é universal / a humanidade suspira / por uma nova era* (37). Uno de los horizontes que focaliza el poeta constituye motivo para la meditación. El goce estético impregna en dichas páginas las verdades manifestadas a partir de acentos ontológicos que impulsan mensajes trascendentes.

Variados recursos cautivantes reflejos exhiben el estilo de este creador. En algunos poemas la apoyatura anafórica transita por los versos de arte menor. Tal es el caso de Bilaquiana, cuya estructura y trazado textual configuran la síntesis expresiva: *“ser dito poeta / sensível poeta / e não compreender a si mesmo”*. (p. 39)

Enriquecedores mecanismos verbales y pluralidades desplegadas con singular maestría observamos en Teorema: poema que establece un testimonio claro y efectivo de las múltiples posibilidades a las que Majela Colares apela para entretejer escritura y mensaje; intuición y racionalidad. Lo clásico y lo moderno se conjugan en este poemario, donde no existen límites ni prejuicios acerca de la escritura y las objetividades representadas. Recoge la sabiduría de Aristófanes



(maestro de la risa como instrumento crítico), o bien, los sortilegios cantados por Manuel Bandeira. Ante los horrores de la historia contemporánea, Colares no titubea en sostener su poética a partir de aquella frase trágicamente anticipatoria de Marx y Engels: *“um espectro ronda Europa”* (Cf. Poema Muros e Cortinas, 86-87).

Majela Colares también se introduce en atmósfera eróticas con transfiguraciones metafóricas de potente belleza: *“sou fruto do tempo / do tempo e do mundo / do orgasmo do tempo”* (Instante Único, p. 47).

El yo lírico se instala configurando diferentes tonos y estrategias discursivas. La auto observación adopta juegos especulares lacerantes. Tal es el caso del Poema da Loucura Breve, donde el autor desentraña el mundo onírico: *“confundi-me no horizonte dos meus olhos / perdi-me na complexidade do meu corpo / na confluência, espírito-matéria / vi-me vivo – no entanto – vi-me morto”* “[pareceu-me um monstro hibernando] / a loucura / que ronda a mente, que transfigura” (p. 48-49).

Estas reflexiones existenciales se desarrollan en otros poemas morables: *“Exame do ego – Vertigem da hora – Anotação antiga etc.”*

Majela Colares demuestra su dominio expresivo, fluidez y ajustado ritmo en composiciones con estructura canónica (como el soneto), al igual que en estructuras modernas y libres.

El Soneto do Esquecimento, encabezado con un epígrafe de Safo, canta el íntimo desnudamente: *“ternura que me inspira liberdade / liberdade que há muito configura / um desejo incomum e conseqüente / se desse amor restar-me só saudade / saudadeviverei por desventura / desventura do amor completamente”* (p. 60). Advertimos como se va ensamblando, verso a verso, el enternecido y doliente canto, con impecable dominio del metro clásico. El yo lírico atraviesa cada endecasílabo con transparente lirismo y impecable nivel fónico.



El conjunto de poemas reunidos en la segunda parte titulada "Corte brusco na artéria mais sangrenta" constituye un excelente despliegue de exploraciones sobre el hombre y los contextos socio culturales. Allí asoma Antonio Conselheiro y "la gente oprimida". El pasado sangriento y las ignominias que configuran la realidad social de Brasil, como la de todos los pueblos de Hispanoamérica, ensombrecen el panorama que Majela Colares no oculta, sino que canta con tremenda sinceridad. Desde los días del descubrimiento colombino nacieran las tragedias: "*Colombo! Colombo! / (a fúria do orgulho) / rompendo procelas / em seus transatlânticos*". (Nau Capitânia, p. 77).

La referencialidad de nuestros días se instala con descarnado verismo, desde el paradójico verdor del poema Poemeto Ecológico (*Plágio a Bandeira*): "*que importa o verde / o verde do mar / o verde das matas / o verde da esperança / o verde dos teus olhos / o que vejo é o verde do dólar*" (p. 82).

La tercera parte, "Onde cabras remoem seus balidos" cuenta con luminosas composiciones. Entre ellas el magnífico poema Canto Jaguaribe. La eglógica y multicolor escena fluvial contiene entrañables evocaciones de la tierra natal: "*sertão Ceará / Jaguaribe eu te canto / sem um pranto*" (p. 99). Este texto, además, dibuja en su espacio escritural, el fluir de las aguas, el diseño del cauce. La diagramación del texto no es simple regocijo estético ni pictórico. Asume, mucho más que eso, un ferviente cuadro que va deslizándose conscientemente, verso a verso. Majela Colares instrumenta las intromisiones monorrimas que navegan como un intenso estímulo expresivo: "*Jaguaribe eu te canto / sem um pranto / no entanto / me espanto / ao te cantar / Jaguaribe do recanto. / me orgulho e me encanto / só de ver-te transbordar*" (99)

Llegamos finalmente a “Outros Poemas” incorporados en esta segunda edición. Se reúnen aquí composiciones de inquebrantables sonoridades y enérgicas intencionalidades. La vida transitoria, el “sol azteca”, los memorables nombres (familiares unos, hermanados en el arte otros) acuden en estas páginas estremecidas. Evocaciones líricas, donde el misterio, la sabiduría y el intenso amor las exalta, recurriendo, en algunos casos, a las intertextualidades definitorias e imborrables.

Calibán – uma revista de cultura, nº 5 – 2002.

## ALVENARIA DE PALAVRAS

Janilto Andrade  
Ensaísta e crítico literário;  
Phd em Letras pela UFPE

O texto *Outono de Pedra* está dividido em doze Cantos. Retirei do Canto X o termo alvenaria para dar título a esta breve nota, porque é precisamente no Canto X (adentrando-se pelo XI), que Majela Colares se consolida como alvanel da palavra.

O poema é construção de linguagem que “reinventa” o universo das relações humanas. O poema é o médium da poesia que, aí, se faz revelação. É a crítica, por sua vez, partindo da obra, que desvenda o que diz o poeta. Mas o poeta interessa à crítica como o sujeito lírico. A existência desse sujeito emerge das relações criadas na estrutura poética: no contraponto da melodia-imagem e significação.

A revelação, no espaço do poema das possibilidades da linguagem, evidencia a prática (e a concepção) modernas (e pósmodernas) do fazer poético como fenômeno que projeta relações nos limites do texto. O papel da crítica é desvendar essas relações. Se o texto não suporta esse tipo de abordagem, ao crítico, talvez, não interessará prosseguir na análise.

A “exuberância” imagística de *Outono de Pedra* delinea-se na forma cíclica sugerida: o remate do poema repete o seu início. “O sol posto” abre o poema (saga) – hipócone da saga (destino) dos nordestinos que vivem a vida entre “fantasmas de coronéis e pesadelos ancestrais” – e fecha-o com a metáfora “um sol posto”; à sua frente, o nordestino tem “um futuro ignoto”, já que prossegue por “desertos cortados / de fome e de sede.” É um “efêmero viver/de ânsia e degredo”. A vida é UM SOL POSTO, a cada dia. Haverá futuro para quem caminha “entre o tudo (da mais-valia) e o nada” da sua “matéria (corpo) minguada”?

O poema de Majela é indagação que se faz poesia. Da semiótica poética temos aprendido que as estruturas paratáticas são as mais adequadas para o processo de iconização do símbolo (signo). Esse tipo de organização sintática é uma das peculiaridades da estrutura do poema lírico. Em *Outono de Pedra*, as construções justapostas, empregadas com equilíbrio, inscrevem um mundo icônico de intenso poder significativo projetando paralelismos que revelam uma História “longa e árdua” de “rude (s) rosto (s) de cactus”.

Na redondilha do Canto V:

*a flor do mandacaru  
estampa um sorriso largo  
brotado por entre espinhos  
na solidão dessas tardes  
qual homem sofrido e pasmo  
que se contenta com o nada  
nessa miséria de morte  
no rude rosto de cactus*

Espinhos da paisagem e da miséria confundem-se, seja na imagem – veja-se a comparação – seja na própria melodia dos versos – veja-se, por exemplo, o predomínio dos fonemas oclusivos no terceiro verso. A construção paratática da estrofe desencadeia um processo de associação cujo resultado é a imagem da identificação do homem com o seu ambiente natural.

Na *Filosofia da Composição*, Edgar Allan Poe destaca a construção do efeito como elemento essencial no fazer poético, e o clímax do poema seria a sua concentração máxima. O ponto culminante deste texto de Majela é a antítese rica estrutura – pobre estrutura, cujo suporte é “a colher...”. O efeito aí condensado nasce da imagem que remete para uma realidade paradoxal: na colher do homem (que maneja a colher que



une tijolo, cimento e pedra, construindo “poder / mais-valia – alvenaria”) está posto, apenas, o refrão “arroz com feijão” (que “cava / cova” de um “mal / finado / dia”). A poeticidade se faz com a descoberta das “possibilidades” da palavra. A polissemia de COLHER origina a imagem espreada pelos Cantos X e XI. Colher (metáfora) de uma situação absurda: “sustenta” o “poder/mais-valia/ alvenaria” do “lorde/nobre” e, por outro lado, nela (colher) se põe, apenas, o refrão “arroz com feijão” (que mantém a “angustia/ anemia” dos “homens/ fome/homens” que trabalham “substâncias imprescindíveis” à construção das ricas estruturas). Num mundo que se constrói à base de absurdos dessa natureza; num mundo em que se negou ao homem questionar aquilo que dele (homem) fizeram; num mundo assim, que Literatura seria possível, senão a poesia da linguagem? Poesia da linguagem “desdobrada” por Baudelaire e levada adiante por poetas como este, de *Outono de Pedra*.

In *Outono de Pedra*, 1994.

## O SOLDADOR DE PALAVRAS

César Leal  
Poeta e crítico de poesia

O Dr. I. A. Richards, que foi um dos teóricos mais influentes da crítica de poesia no início do século XX, costumava dizer que as sílabas embaraçosas, difíceis de pronunciar, só poucas vezes poderiam agradar ao ouvido. Majela Colares parece haver seguido tais conselhos, o que não significa ter sido obrigatoriamente um leitor dos *Principles of Literary Criticism*, de Richards. A poesia é uma arte que se aprende mais com o hábito da leitura dos bons poetas do que propriamente nos manuais de poética ou nas faculdades de letras, onde as leis da poesia são ensinadas de forma sistemática. Parece-me que Majela Colares aprendeu assim, com os velhos mestres, como demonstram as numerosas epígrafes, inclusive de Safo, em um soneto de amor, onde aparecem rimas colocadas à direita e à esquerda de cada estrofe. Sabe-se das dificuldades de rimas à esquerda, tão difíceis quanto as rimas internas das quais os românticos abusaram em seus poemas.

Mas é a própria composição que dá título ao livro quem define o trabalho do poeta. Pelo menos de um poeta com as preocupações técnicas de Majela Colares, neste *O Soldador de Palavras*:

*fazer poemas é soldar palavras  
fundir o signo – literal sentido –  
do verbo frio, transformado em chama  
aceso verso, pensado e medido*

*sob a moldura da expressão intensa  
fingem palavras um som mais fingido  
além, no ocaso, da sintaxe extrema  
fuga do verbo não mais definido*

*criado o texto, com idéia e tinta  
forma e figura em linguagem extinta  
quebrando regras de comuns fonemas*

*a idéia é fogo. Fogo... o verbo aquece  
a tinta é solda que remenda e tece  
versos, metáforas... por fim, poemas*

Dizia Shelley que os poetas são homens de consumada prudência. Ao que parece, Majela Colares, que é um poeta jovem – poeta da geração de Mário Hélio, Weydson Barros Leal e Alexei Bueno, para citar apenas três recentemente entrados na casa dos trinta anos – deu-nos neste soneto uma fórmula ou pelo menos um dos modos como ele escreve poesia. Preferiu utilizar a metáfora da soldadura, uma noção de que poesia é trabalho e não mera confissão. Um trabalho difícil, esse de soldar palavras. Certamente, Mallarmé o reprovava, ao dizer que o texto fora criado com “idéia e tinta”. Pelo menos o termo abstrato “idéia” que com certeza não seria aceito pelo mestre quando nos recordamos de sua resposta ao pintor Degas. Contudo, tenho grande admiração por Mallarmé mas nunca aceitei sua tese de que “poesia não se faz com idéia e sim com palavras”. Volto a Majela Colares e vejo que ele nos fala em “forma e figura”, idéias muito caras ao poeta-engenheiro Joaquim Cardozo. Fala ainda em metáforas. Ora, a metáfora é uma imagem poderosa pois sem imagens não se pode escrever boa poesia. O erro de Mallarmé foi dizer a Degas que poesia não se faz com “idéias” quando devia mostrar-lhe que poesia se faz é com “imagens” e não com “palavras” como ensinou ao pintor. As palavras – já o disse e direi novamente – são elementos

acessórios e nisso o velho Hegel tem razão de sobra quando diz que a imagem presente no espírito tem de ser captada pelo poeta através de palavras. Encontrar as palavras apropriadas à configuração da imagem é um dos trabalhos mais sérios que o poeta tem de executar. Imaginem Shakespeare privado da utilização da imagem metafórica. Dante impedido de utilizar o símbolo – algumas vezes produto da imagem continuada – ou da alegoria. Homero sem imagem nem sequer poderia ser chamado de poeta.

Majela Colares diz no Poema Anônimo: *“o poema que não fiz/ traduz meu mundo/ está implícito/ único/ em meu verso/ já não sei quem sou/ quem ele é/ – fundiram-se todos os limites”*. Observem a força desta imagem: *“fundiram-se todos os limites”*. Parece aquele instante da tarde quando o sol estando prestes a se ocultar no poente, todas as sombras das coisas fixas – edifícios, árvores, animais etc. – se aproximam. De súbito o sol se põe e as sombras dessas coisas se unificam, abolindo os espaços entre elas. Esse é um fato que já tive oportunidade de observar e ao concluir a pesquisa, escrevi o poema *“Análise da Sombra”*.

Há numerosas singularidades gráficas, que muitos detestam. Quanto a mim sempre gostei muito da poesia visual. Parece-me de grande beleza a forma gráfica de muitos dos seus poemas, em especial o *“Canto Jaguaribe”*, aquele rio seco que nos faz lembrar, grandes invernos, *“o deus castanho – taciturno, intratável e violento”* – de que nos fala T. S. Eliot no *Four Quartets (The Dry Selvages)*. Ao contrário do Mississippi, o Jaguaribe nunca é paciente. *“Quando seco é belo e manso/ cheio é feio e temerário”*.

No poema *“O Silêncio da Flor”* temos um exemplo da arte de Majela Colares:

*foi quando as flores não vingaram frutos:  
(nos secos ramos, ressecaram tardes)  
as folhas murchas despencaram pálidas*



*se dispersaram contornando rastros*

*pelos caminhos conspiravam fugas  
levando marcas de uma morte lenta  
porque raízes omitiram seiva  
para mantê-las sempre ao caule, sempre...*

*mas foi da terra, sim, que a morte veio  
do chão que a planta ruminava nuvens  
o fio de água, transformado em lodo  
contido pela rigidez da argila*

*quando as folhas retornaram adubo:  
(nas secas tardes, renasceram ramos)  
antigas folhas inundando o caule  
imune seiva, frutos-flores, quando...*

Como se vê: as melhores mentes jovens do final do século XX, prestam homenagens – em dedicatórias e epígrafes – aos velhos mestres e também aos novos. Mas não os seguem passivamente. Criam suas próprias falas, sua própria língua poética. Assim é Majela Colares.

Diário de Pernambuco, 1º de junho de 1996.

## CONSCIÊNCIA DA MUDEZ POÉTICA

Francisco Soares  
Crítico literário português;  
Professor da Universidade de Évora

O que de uma forma geral me agradou em *O Soldador de Palavras* foi um tom enevoado, portanto aéreo e corpóreo ao mesmo tempo; a par disso, é de admirar que hoje ainda se considerem poetas capazes de não temer a forma clássica, tanto quanto o nevoeiro também ela etérea e corpórea na mesma letra. Etérea no treino do seu ritmo, que exige graciosidade, imaginação e gravidade em simultâneo, corpórea quanto ao seu alfabeto fonético, aos códigos da rima, às pausas suspendendo o sopra ritualmente, à transparência aparente das imagens compondo um corpo disciplinado.

Depois dos tropeços da modernidade de cabeceira, atolada na desconfiança dos apressados que zumbem pelas avenidas cosmopolitas, viúvas de seda negra, uma pós-modernidade vacilante muitas vezes ainda não consegue utilizar as modulações consagradas dos clássicos europeus sem se envergonhar, com receio de desonra. Os poemas de Majela Colares de uma forma geral demonstram-nos que, pelo contrário, a imaginação não teme a glosa.

O problema do epigonismo, que tanto atormentou a literatura culta e erudita ao longo dos dois últimos séculos, hoje podemos perceber que ele não se evita por uma repetida informalização, tal como não se garante pela uniformização das técnicas e recursos (num quadro, de resto, vasto e sabiamente aberto, para quem percebe o equilíbrio em que se baseia o ser clássico).

Estes séculos, adjectivando-se de informais, não foram de rompimento com a forma – um rompimento impossível, porque a comunicação supõe a forma e só o modernismo

de algibeira esqueceu isso. O que se fez desde o estilhaço romântico foi tentar, a um nível cada vez mais concreto ou especializado, combinações cuja novidade resultava do cruzamento de combinações anteriores. Ora a literatura não age sempre assim? O que muda são os níveis (em número e lugar) em que a mudança de articulações inesperadas aparece. É claro que há períodos em que a sociedade sente que precisa estabilizar cânones, mas que não seja para efeitos didáticos e de mercado, mas a partir do momento em que o cânone se vai rasgando, perdendo a sua força e rentabilidade, outros recursos e outras formas estabilizados alertam para as infinitas possibilidades de articulação lingüística, até se vulgarizarem, porque é inevitável, perante uma nova solução, que ela seja gradualmente compreendida por todos e, conforme for maior o número dos que a conhecem, menor será o interesse em usá-la sem lhe introduzir alterações.

Os românticos fizeram, parece-me, o cânone mudar de nível: deixava de haver uma convenção social para passar a haver a compreensão social de um cânone cuja individualidade podia residir em todas as obras de um autor, apenas em algumas, numa só, ou em cada partícula dentro de cada obra. Mas, tal como a física foi chegando a ser a das partículas cada vez mais ínfimas, ou seja, mais próximas do infinito, assim também o estatuir de regras que o leitor apreende como tal foi-se particularizando, e extremando, razão pela qual sabemos hoje que não é uma regra aquilo de que a sociedade precisa, mas o seu estabelecimento, seja a que nível for. Estabelecer uma regra, depois desmenti-la, depois superá-la estabelecendo outra, que perverteremos e superaremos transformando e cruzando a tal ponto que logo depois faremos outra para outro verso, outra linha, outro termo, outro átomo, raiz, prefixos, infixos, sufixos, que subverteremos, submeteremos e reconverteremos, infinitamente, não é deixar de ter regras, mas desmultiplicar o seu estabelecimento e, portanto, a sua constituição.



É isso, quanto a mim, que fazemos a cada palavra. Porque, por natureza, a poesia é escrita mudamente, ou seja, ela sustenta-se da consciência e da angústia que temos ao descobrirmos que, tanto quanto a morte, as palavras também se quedam à “sensata mudez que se consente”, cheias de uma vida “que se oculta na fala e se afugenta/ na certeza da angústia aprofundada”.

Perante isso, ao soldarmos o ferro em brasa para lhe dar a solidez fria do cimento, por mais clássicos que sejamos havemos sempre de conhecer a insuficiência da linguagem. É dessa insuficiência que bebemos e ela evita que a aceitação de um cânone geral ou social imponha o epígono.

Felizmente, pelo que me tenho apercebido, há em Recife, e de maneira geral no Nordeste, a compreensão ao mesmo tempo desta mudez terrível e sagrada e a coragem de enfrentar a forma já de todos conhecida, sem cair na mera repetição. Identifico-me com esse trabalho.

Um aspecto ainda que me agrada em *O Soldador de Palavras* é que ele não seja descarnado. A lírica europeia e norte-americana, mais especialmente a europeia, são actualmente uma espécie de cinza luzidia a tombar afectadamente sobre um chão frio, nocturno e ligeiramente humedecido. É como se a vivência cosmopolita, estreita, condicionada, espiritualmente pobre e rotineira levasse a procura de subtilezas cada vez mais subtis, fragmentadas e frágeis (frágeis, não delicadas), assim aparecendo uma espécie de ratos paridos pela montanha no sentido em que o que se diz, a história implícita a qualquer lamento ou reflexão líricos, é cada vez menos interessante, importante e intensa. Não há experiência instantânea que lhe sirva de suporte. Na poesia de Majela Colares, como na de vários poetas lusófonos tropicais, encontramos essa intensidade, importância e interesse – de onde lhe vem a consciência da mudez, porque quanto mais vivemos melhor sentimos que a realidade é fugidia e mítica.

Diário do Nordeste, 10.08.1998, Fortaleza.

## COLARES EM O SOLDADOR DE PALAVRAS

Hildeberto Barbosa Filho  
Poeta e crítico literário

Um dos pontos de tensão da poesia moderna é a reflexão metalingüística. Mais que a poética clássica, já no cratilismo platônico consciente desta problemática, e mais que a poética romântica, instauradora de rupturas e pesquisadora de novas estratégias expressivas, a poética moderna, sobretudo na sua vertente mallarmaica e valeriana, concentra o enfoque lírico no espaço mesmo da linguagem, na mensuração interna das próprias possibilidades da forma estética, prefigurando, assim, não somente um diálogo com os materiais da vida, mas também com as comportas intrínsecas do verso.

É vasta, portanto, a linhagem dos que procuram trilhar as escarpas, nem sempre harmônicas, da metalinguagem. Depois de *Confissão de Dívida* (1993) e *Outono de Pedra* (1994), parece ser este o itinerário de Majela Colares, poeta cearense radicado em Pernambuco, com o ora publicado *O Soldador de Palavras*, Ateliê Editorial, São Paulo, 1997. A metáfora do título como que pré-anuncia as marcas do procedimento poético, evocando o trabalho do poeta/artífice, do lírico lógico/construtor, do artesão da forma, mais propriamente que o poeta possesso, inspirado, mágico/delirante... é o que se concretiza no soneto que dá título ao livro e do qual vale transcrever estes versos:

*fazer poemas é soldar palavras*

(...)

*criado o texto, com idéia e tinta  
forma e figura em linguagem extinta  
quebrando regras de comuns fonemas*

*a idéia é fogo. Fogo... o verbo aquece  
a tinta é solda que remenda e tece  
versos, metáforas... por fim, poemas*

Atento à gênese da criação poética na perspectiva do fazer pensado, do modelo cabralino (veja-se o poema *A Dedução pela Pedra*), Majela Colares ainda traz, à reflexão do leitor, o anonimato difuso e inesperado da sensação poética, nos versos livres de *Poema Anônimo*, com base no motivo do “poema que não fiz”. Podemos dizer que o giro metalingüístico se perfaz ainda em textos como *Um Poema de Passagem* e na curiosa quadra *Aqui Jaz Um Soneto*.

Associado à metalinguagem, implícita no processo de seleção vocabular e no visível domínio do ritmo, em especial nos versos metrificados, emerge a temática do tempo, imprimindo certa consistência reflexiva à lírica de Majela Colares. Poemas como *Os Limites do Tempo*, *As Marcas do Tempo* e *As Cores do Tempo*, registram bem as aproximações filosóficas numa poesia que, pela convocação metalingüística e pelo encantatório de algumas imagens, se estabelece esteticamente sobretudo pelo discurso descritivo. Observemos os tercetos do poema da página 32: *murchas pétalas de horas finge o monte / rente a linha deserta do horizonte / feito rosa pendida... rosaflores / nos limites da sombra projetada / nos contornos da noite aproximada / percebo o tempo farejando as cores.*

Tocamos ainda na motivação do tempo, mas poderíamos nos valer de outros tópicos, sobremaneira os da paisagem natural, para demonstrar a força descritiva do poeta. Força descritiva conjugada com afetivo sentido de observação, mas, principalmente, com os componentes imaginários da fantasia criadora.



São muitos os textos em que o aspecto plástico, imantado à imagem visual, às vezes quase tátil, proporciona o equilíbrio da forma, à simetria descritiva. Há mesmo, em alguns, o apelo ótico na camada do significante (heranças concretistas...) no sentido de semantizar, cada vez mais, o impacto significativo da mensagem. Seria o caso de Sentir Recifense, Nau Capitânia e, em particular, Canto Jaguaribe.

No entanto, não temos dúvidas: ao lado de O Silêncio da Flor, destacado pelo Crítico César Leal, em breve prefácio a *O Soldador de Palavras*, decerto pelo rigor da forma e pela cadência do ritmo, aparece O Pastor e sua Aldeia, a sintetizar as virtualidades criativas de Majela Colares, em seus dísticos em decassílabos, ricos em musicalidade e em coreografia simbólica. São do texto estes versos sugestivos:

*trago a lua no bolso e o sol na mão  
e um rebanho de cabras e de estrelas*

(...)

*trago à sombra de alpendres breve sono  
pressentindo o rangido da tramela*

*despertado ao contorno da janela  
no silêncio imortal da noite fria*

*canta o galo, outra vez, e denuncia  
(seu cantar tem a cor da lua cheia)*

*o prenúncio de um dia em outro dia  
da eterna solidão – eterna aldeia*

A palavra poética, o tempo, a paisagem (crepúsculos e auroras), os elementos naturais (fauna e flora) compõem, na isometria dos versos de Majela, toda a singularidade de sua

coreografia lírica. Coreografia que junte, num mesmo tecido verbal, a figuração da forma a uma sensível visão da existência. Visão metalingüística, no prisma poliédrico da consciência formal, mas visão telúrica, visceral, encantada, dos elementos da vida. Neste sentido, a lírica de Majela Colares, esteticamente moderna, tende a ser permanente.

O Norte, 06.07.97, João Pessoa.



## OS DESLIMITES DE MAJELA COLARES

Fábio Lucas  
Crítico literário, ensaísta e  
conferencista

Perante o conjunto de poemas reunidos em *A Linha Extrema*, de Majela Colares, fina tessitura de um vívido discurso lírico, o leitor haverá de ser convidado a refletir sobre duas concepções do fazer poético. Há os que rezam pela cartilha da espontaneidade da expressão e aqueles que sustentam ser a obra de arte o produto final da construção da mente. No primeiro caso, o texto poético é suposto como veículo de uma paixão ou de sentimentos exorbitantes que buscam um processo de cura por intermédio das palavras. Nessa hipótese, a expressão-meio ora recolhe abundância ou extroversão do espírito, ora exprime denúncia compensatória de mutilações interiores.

A ação verbal se diz impulsionada por estados de perturbação, pois o poeta entra em delírio, torna-se emocionalmente superexcitado. Os que contestam esse ponto de vista advertem que o que torna a obra de arte significativa é algo muito diferente da auto-expressão. A arte como inspiração e arrebatamento deve ser submetida à finalidade de transmitir emoções, sendo, portanto, um capítulo das técnicas de comunicação.

No segundo caso, tem-se a noção de que o homem se impõe à natureza, ao agregar ao mundo já existente uma construção nova, genuína, autêntica e original. Teríamos o *homo additus naturae*, ou seja, tudo aquilo que o homem acrescenta à natureza. O poeta, então, seria o fundador de uma linguagem. O foco, assim, se deslocaria do sujeito – o poeta possuído pela inspiração – para o objeto – o poema concretizado.

Com efeito, *A Linha Extrema* revela um esforço de criação meticulosamente realizado. A tradição nordestina habituou o leitor brasileiro a ter presente os cantadores que se apóiam

no improviso, os repentistas, de legendária estirpe. Ou os cordelistas, operadores da tradição narrativa em versos. Mas Graciliano Ramos e João Cabral de Melo Neto sejam lembrados para nos remeter a outra vertente nordestina, a daqueles que fazem do texto o fruto de rigorosa operação artesanal. Portanto, alinhados na corrente dos que postulam ser a obra o resultado extremo da arquitetura verbal.

Majela Colares nos oferece em *A Linha Extrema* um conjunto de trinta poemas estróficos, a observar a terça rima de Dante. Ou, para adotarmos um modelo mais nosso, todos se articulam como A Última Jornada, de Machado de Assis (*Americanas*), a que não falta o verso final, isolado, em rima com o segundo verso do último terceto. Além disso, Majela Colares, com essa obra tão densa, ingressa no mesmo corpo de poetas brasileiros que procuraram reunir poemas sob a mesma orientação cósmica ou temática, como Jorge de Lima em *Invenção de Orfeu*, Cecília Meireles em *Romanceiro da Inconfidência* e Cassiano Ricardo em *Jeremias sem Chorar*.

Em *A Linha Extrema* tudo é medido, rimado, estruturado. Trata-se de uma coroa de poemas à procura de uma unidade. Um périplo verbal cadenciado, cuja virtude maior consiste em ritmar os intervalos, a fim de enriquecer a magia das pausas.

Majela Colares sai-se bem desta prova. E persegue aquele suspirado desejo de Marianne Moore que, em entrevista, reclama não ser a poesia uma questão de melodias, mas de elevada consciência (cf. *Poesia como criação*, coordenação de Howard Nemerov, Rio, GRD, 1968, trad. de Marcos Santarrita, p. 24).

Que elevada consciência encontraremos em *A Linha Extrema*? É claro que o poema, na sua completa extensão, apresenta ao leitor conveniente modulação verbal, metrificado ritmo e o sugestivo apoio sonoro das rimas. Mas vai além. Seguindo uma tradição das melhores composições poéticas, desdobra-se em sutil indagação metafísica sobre a natureza do ser e uma implícita investigação da razão do poema, na linha da metalinguagem.

A declaração inicial do poema já prepara o leitor para o sentido da busca. As figuras se sucedem para povoar o discurso e não raras vezes acode à metáfora, a rainha de todas. Mas vejamos o objetivo atirado a esmo: para o tempo pintar e ser constante. Logo a seguir, o “eu poético” confessa que sonhava ver o tempo em um painel/ mas foi sonho somente, foi mutante, para, afinal, a circunstância do tempo ocorrer como fecho da primeira unidade: *pintei de primavera aquele outono*.

Não muito longe, adiante, se vislumbram dois termos de aguda projeção: a ratio e a morte, situações – limite que o poema explora com luz indireta: – *a razão de não ver além do além – / por si só a visão se faz medida / dos presságios da morte que detém / os limites da voz quando calada*.

A crise existencial vem a seguir, quando se tocam em caminhos de fuga e de medos / feito passos em sombras esculpido. Após uma cadeia de mitos, o poeta fala em algo mais que a voz destes, passo projetado no rito que se confunde nos versos que fez Dante. Entra-se, então, na articulação discursiva, que o poeta denomina a abstrata pureza – forma e tema – e também a noção do impossível rascunhado, para firmar-se no verso último, isolado: *moldura de um poema desregrado*.

Como é da natureza da coroa de poemas, o verso alimenta o significado do poema seguinte, que sugere que – a palavra se faz imagem pura e informa que transformou-se em visível escritura.

Quando atinamos com o valor das pausas, omitimos outra situação-limite para o rumor das palavras: o silêncio, tão bem explorado por Majela Colares. Eis o término de determinada unidade: *o silêncio moído é dor, espasmo/ corte brusco na artéria mais sangrenta*.

O poema, conforme vimos, além de refletir o peso da Ontologia, na sua perplexidade em razão da existência, da possibilidade e da duração, articula-se em torno do poder construtor da palavra, ou simplesmente do drama em que



esta mergulha para buscar significado, beleza e ilusão. Daí o princípio de um dos poemas encadeados:

*Mera frase perdida em um volume  
rabiscada no tempo transitório  
são idéias dispersas – um cardume*

*de palavras em busca do ilusório*

O término do poema traz consigo a dupla significação do texto se auto-processando na dificuldade, nos empecilhos, e reconhecendo a meta da linha extrema a que o poeta não pode se recusar, ainda que existente:

*a mão leve e vazia, mão sensata  
se recusa a escrever qualquer poema  
– a mão sabe a razão da linha exata*

*mas não sabe a razão da linha extrema  
rascunhada nos versos cometidos  
esculpida nas bordas do fonema*

*densa linha de ocasos convergidos*

Por fim, a instância última e seus derradeiros versos: a imperceptível vitória das contingências, ante a ambição de o poeta ultrapassar seus limites, realizar cores à Van Gogh e a plena figuração em primavera do poema outoniço. O projeto é tragado pela temporalidade existencial:

*é que o tempo foi breve e reticente  
quando as horas fugiam amarelas*

Por essa leitura de *A Linha Extrema* o leitor poderá investigar outros corredores da expressão do poeta, que nos apresenta um trabalho amadurecido, cravejado por vigilante jogo verbal: fino, denso, insólito e admirável.

In *A Linha Extrema*, 1999

## MAJELA COLARES E A LINHA EXTREMA

Foed Castro Chamma  
Poeta, filósofo e ensaísta

A leitura de *A Linha Extrema*, de Majela Colares, despertou-me surpresa a respeito de uma poesia de um lirismo à Leopardi em *O Soldador de Palavras* e, agora, hermética, volta para um jogo de palavras na arquitetura de uma coroa de poemas que deixa entrever o exercício lúdico de um poeta consciente do mecanismo estrutural da língua enquanto Morada do Ser. Na elegante edição Calibán observo a restauração exemplar do sintagma em exercício vocabular, cuja morfologia associativa revela um domínio de alta competência da linguagem poética.

A despeito de em *A Linha Extrema* o poeta contrariar o cânon petrarquiano atribuído ao soneto ou sintagma ali corresponde ao tempo platônico, circular, da linguagem grega e que corresponde ao Latim e às línguas eslavas, despertando muita vez nostalgia dessa composição nuclear a cujas componentes gramaticais Machado de Assis se refere em crônicas assinadas pelo Dr. Semana.

O discurso que a coroa exemplarmente emoldura é de absoluta ruptura com a linearidade logocêntrica, instaurando-se nessa experiência uma filosofia implícita da linguagem no sentido de reinvenção do significante a partir do juízo sintético afeito ao simbólico. Tal é a proposta do surrealismo em autores íbero-americanos que consagraram ao modernismo ou psicologismo numa escavação arqueológica denotadora do apego à semiótica, presente inclusive em autores brasileiros como Sérgio Lima e Floriano Martins.

A experiência com a palavra reedita a influência de Saussure em estruturalistas como Jacques Derrida, reformulado na descontinuidade do discurso o questionamento existencial de romancistas como Joyce e Guimarães Rosa com o sentido

bergsoniano de Durée, com resultados anteriores em filósofos como Heidegger (*O Ser e o Tempo*), e Sartre (*O Ser e o Nada*), em ficcionistas como Virgínia Wolf e Katherine Mansfield, Clarice Linspector, Osman Lins, todos presos, à neurose d'angoisse, apontada por Kierkegaard em relação à finitude do ser.

A linguagem poética sob o rigor da forma aponta o Tempo na instantaneidade do Canto, fim e perpétuo reinício de Cronos na poesia de Majela Colares. Tal é a reflexão que a coroa de poemas propõe, confirmando a implicação alquímica de espírito e matéria, essência e aparência, tão visível em *O Soldador de Palavras* e em *A Linha Extrema*. Neste livro o poeta assume uma posição didascálica da poesia.

## UNHA OBRA QUE CONMEMORA A VIDA

Xosé Lois García  
Poeta e crítico literario español;  
Professor da Universidade de Barcelona

Dixo Walt Whitman: “Os poemas da vida son grandes, pero tamén han de existir os poemas dos designios da vida, non só en si mesma, senón alén de si mesma”. Sírvanos como enfática introdución e referencia aos poemas de *Quadrante Lunar* (Editora Calibán Ltda, Río de Xaneiro) da autoría do poeta brasileiro Majela Colares (Limoeiro do Norte, CE, 1964). Un extraordinario libro que se compón de trinta e sete densos poemas, forxados desde a vida mesmo para achegarnos aos designios da vida.

A vida multiplicada e conquistada que nos ofrece o poeta brasileiro implícanos directisimamente en varios procesos da súa escrita e na harmonía de memorias e continxencias que desfilan sen contraposición dese valores existenciais onde a propia vida entra en diálogo coas súas propias realidades que a conforman. O título do poemario é conciso e esclarece dunha maneira puntual o que se conforma e artella nos seus versos.

Majela Colares é un verdadeiro arquitecto que sabe erguer esa enorme monumentalidade poética: sólida e con raíces profundas que emerxen e esclarecen esa follaxe exuberante e vigorosa na que se revela a palabra poética. A palabra resplandecida dese seu luar tan particular e dinámico que nos interna nun sen fin de conceptualidades e nos retrae a certos clasicismos cunha patente de extremada modernidade. Colares non é un finxidor, porque a emoción nunca pode finxir nin gornecerse en falsos arquetipos como era costume en tantos hemisferios poéticos.

Xa no século XIX o vello Whitman, advertiu: “A literatura actual, mentres que satisfai magnificamente e con plenitude



certas esixencias populares, con abundante saber e astucia verbal, está profundamente sofisticada, é insá e o seu verdadeiro goce é patolóxico”. Esta é unha observación dun poeta de antano que nos convida a reflexionar sobre as puntualidades da poética actual feita para conmover e emocionar e non para perdurar. Coido que emoción e perduración son dos termos que en poesía, ou en calquera obra literaria, son indivisíbeis. Majela Colares sábeo e, ademais, intúeo, tal como o manifesta a magnitude da súa creatividade poética. Nos versos iniciais de *Quadrante Lunar*, o poeta dinos no poema, “Motivos para um poema”: “na frieza do papel nasce o poema/ que ha muito contornaba minha mão// na incerteza dos dedos, o dilema// en facer un poema sem razão.../ mas o verso não surge por acaso// sempre tem um segredo, um senão// desenhado na face, no sorriso/ que sorri outra face com ternura/ – o rosto imaginado – só por isso/ a razão do poema e razão pura”.

A lectura deste poema déixanos unha serie de premisas que reflecten o pragmatismo e, aínda, os elementos empíricos cos que se nutre o poeta. E de inmediato, nos poemas seguintes, fálanos do silencio. Sen o silencio o poeta non ten un punto de partida para chegar á reflexión poética e coa reflexión poética obter os resultados metafísicos que nesta obra podemos contemplar. Estamos falando dun libro unitario conceptualmente mais que nos ofrece unha sondaxe de temarios moi diversos e evocadores como o poema que titula: “Um canto para García Lorca”, que ademais da evocación metafórica nos presenta, en conmoción, un Lorca renacido, tal como o manifestan os dous últimos versos: “vive a voz do poeta e causa espanto/ esta voz – o poema que foi Lorca”. Majela Colares non é un aprendiz nas artes poéticas, non sei se aínda ten consolidado o seu nome como un dos grandes poetas do Brasil o que si é verdade é que é un valor en alza, recoñecido polos críticos máis esixentes do Brasil. Polo tanto, estamos ante un creador para quen a súa obra non pasa desapercibida. Unha obra que conmemora a vida; as cousas do aquí e do alén.

O ritmo, a lírica contida e sen contenciosos que lle fagan sombra esclarecen a un poeta virado cara a todo aquilo que resplandece. Non precisa de ser un poeta de impactos ocasionais, a súa creación emana das súas interiorizacións combinadas entre maxín e sentimento. Majela Colares é todo creación e para non perdelo de vista.

El Correo Gallego, 18 de julho de 2006, Galicia, España.

## O MUNDO E MÁGICO

Curt Meyer-Clason  
Poeta, ensaísta e tradutor alemão

Ao ler *Quadrante Lunar*, livro de poemas de Majela Colares, veio-me à mente uma palavra do meu mestre João Guimarães Rosa: “O mundo é mágico”. Isto, afirmo, graças aos bons espíritos da sua terra – seus poemas o confirmam – em feliz contradição às generalizações do mundo factício, jornalístico da anêmica globalização: “O que vale é o *trend!*”.

Na poesia de *Quadrante Lunar* sinto-me elevado de um abismo qualquer a uma altura, transformando-me do sofredor ao gozador, empurrado por uma inspiração à outra revelação e sempre na segurança íntima, na convicção futura de que o mundo é um só, variável mas constante, fiel à sua gênese e à sua duração num futuro apenas sentido no íntimo, com a segurança da fé de anjos.

E é isto que chego a saber, provando os versos de Majela Colares com os cinco sentidos do meu ser. Se eu quisesse encontrar na infinidade de suas imagens, resultado-exemplo: “o tempo desmaiado sobre a mesa”, renasceria no futuro desde já sondado das suas vivências progredientes, uma chave conclusiva, e eu poderia citar seu “momento eterno nas coisas eternamente evanescentes”.

E com isto, tomo a liberdade de terminar minhas palavras na tentativa de exprimir o meu sentimento de aderência ao mundo lírico-existencial, à sua firmeza e fidelidade ao Ser do nosso mundo e ao seu sentimento de identificação com o seu mundo pessoal em redor, tão visível em *Quadrante Lunar*.

*Munique, 9 de outubro de 2002.*

In *Quadrante Lunar*, 2005.

## FRAGMENTOS E REMISSÕES

Marco Lucchesi  
Poeta, ensaísta, tradutor  
e crítico literário

A poesia de Majela Colares tem saber e sabor. Obra que se insinua, através de modos sutis, silenciosos, com seus versos que flutuam como pontes lançadas sobre abismos e significação. E nisto reside a sua modernidade, através de fragmentos e remissões, de coisas passadas e futuras. Mas não é uma obra fria, ou apenas clara, ou marcada por raros matizes.

Trata-se de uma partitura emocionada, de um lirismo que não arranca da paisagem suas flores, aquários ou plenilúnios, mas que com eles estabelece um campo de meditação, como fontes e parcelas da máquina do mundo.

*Quadrante Lunar* responde a essa demanda local e ao mesmo tempo global – como diriam os físicos. Vejo um fio tênue ligando sua aldeia com as demais aldeias do mundo, o processo da história em sua ação contínua e inarrestável, a simpatia do Cosmos e a fina teia de palavras e seus correspondentes sonoros.

Vejo um fio que nos aproxima a todos, nas fontes abrámicas. No céu de Agosto. Ou de Setembro. Esse fio de ouro parte do coração do poeta e o leva para todos os quadrantes. E nisto reside a força de seu canto e de seus passos. Sua maravilhosa invenção e descoberta. De um céu a outro. De um mundo entressonhado e visto. Pois sabe, afinal, que “o Céu vem dos céus – o mundo é pequeno / sublime é o canto, os gestos e o salmo”.

In *Quadrante Lunar*, 2005.

---

Impresso para Editora Calibán em  
abril de 2009,  
pela Gráfica Stamppa Ltda,  
em papel Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup> fabricado  
pela Suzano Papel e Celulose.  
Na composição eletrônica foi  
utilizada a fonte Carmina desenhada  
por Gudrun Zapf von Hesse.

Ano da França no Brasil,  
do centenário da morte de  
Euclides da Cunha  
e do Bicentenário  
de nascimento do poeta e escritor  
Edgar Allan Poe.

---



9 788587 025388





Majela Colares, poeta e contista, nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará, em julho de 1964. É graduado em Direito. Está radicado em Recife desde 1992. Publicou os seguintes livros: Poesia: *Confissão de Dívida*, 1993; *Outono de Pedra*, 1994; *O Soldador de Palavras*, 1997; *A Linha Extrema*, 1999; *Confissão de Dívida e Outros Poemas*, 2001; *O Silêncio no Aquário/Die Estille im Aquarium*, 2004, (coletânea de poemas bilíngüe, português/alemão, traduzida por Curt Meyer-Clason); *Quadrante Lunar*, 2005 e *As Cores do Tempo*, 2007, 1ª edição. Contos: *O Fantasma de Samoa*, 2005. Tem participação em antologias publicadas no Brasil e no exterior. É um dos editores de *Calibán* – uma revista de cultura.

Nas vértebras remotas dos espinhos  
se define o saber da mão intacta  
na angústia do papel, dos pergaminhos

a mão leve e vazia, mão sensata  
se recusa a escrever qualquer poema  
– a mão sabe a razão da linha exata

mas não sabe a razão da linha extrema  
rascunhada nos versos cometidos  
esculpida nas bordas do fonema

densa linha de ocasos convergidos